

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA**

**BRUNA TELES MENA SERPA**

**DONA SERAFINA, ENTRE A FÉ E A FOLIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER  
NEGRA BENZEDEIRA EM ARROIO GRANDE/RS (1911-2016)**

**Jaguarão  
2023**

**BRUNA TELES MENA SERPA**

**DONA SERAFINA, ENTRE A FÉ E A FOLIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER  
NEGRA BENZEDEIRA EM ARROIO GRANDE/RS (1911-2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Caiuá Cardoso Al-Alam

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados  
fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do  
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

SB894dd Serpa, Bruna Teles Mena

Dona Serafina, entre a fé e a folia: a trajetória de uma  
mulher negra benzedeira em Arroio Grande/RS (1911-2016) /  
Bruna Teles Mena Serpa.

101 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade  
Federal do Pampa, HISTÓRIA, 2023.

"Orientação: Caiuá Cardoso Al-Alam".

1. Pós-Abolição. 2. Mulher Negra. 3. Benzedeira. 4.  
Carnaval. 5. Arroio Grande. I. Título.


BRUNA TELES MENA SERPA

**DONA SERAFINA, ENTRE A FÉ E A FOLIA: A TRAJETÓRIA DE UMA MULHER  
NEGRA BENZEDEIRA EM ARROIO GRANDE/RS (1911-2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Curso de Licenciatura em História da  
Universidade Federal do Pampa, como  
requisito parcial para obtenção do Título de  
Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso

Banca examinadora:




---

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam  
Orientador  
Unipampa



---

Prof. Dr. Leticia de Faria Ferreira  
Unipampa



---

Prof. Maristela Machado Corrêa  
Professora Aposentada da Rede Estadual de ensino/RS

Dedico este trabalho em memória de minha mãe Zenilda e minha vó Zenaides, pois há muito delas nesse trabalho e em cada pedacinho da minha vida para sempre!

A todas as mulheres negras e trabalhadoras de Arroio Grande que vieram antes e as que lutam hoje, todo meu respeito e admiração a vocês!

E à memória de Dona Serafina, vida longa!

## AGRADECIMENTO

Este trabalho foi realizado depois de uma graduação atravessada por uma pandemia de Covid-19, uma perda irreparável e muitas mãos para apoiar e reerguer esta mulher que aqui escreve. Por este motivo, esta é uma parte muito importante em que talvez me alongarei um pouco, mas necessito externar o quanto sou grata a todas essas pessoas.

Primeiramente quero agradecer a quem me guia e me protege, o que está além da minha compreensão e que sei, nunca me deixa só.

Agradecer a quem veio antes de mim, principalmente, às mulheres que fizeram parte da minha formação enquanto pessoa, àquelas que tem um pedacinho em mim de cada uma delas, que já não estão mais nesse plano, mas sei que seguem comigo onde quer que eu vá.

Aproveito para agradecer a quem me ensinou pelo exemplo, a quem eu dedico este trabalho e minha vida inteira, quem me viu nascer, crescer e não desistiu de mim em nenhum momento da minha existência e que tenho certeza estariam muito felizes e realizadas em me ver concluir esta etapa. Estas pessoas são a minha avó Zenaides, que se foi deste plano antes de sequer conhecer meus sonhos, mas sabia que um deles era dar orgulho a ela; e minha mãe Zenilda, que a Covid-19 levou de nós tão duramente em 2021 sem aviso, deixando em mim uma lacuna, um vazio que jamais será preenchido, fazendo parte de uma estatística cruel de um governo genocida que foi responsável por levar mais milhares de vidas. A elas eu devo a minha vida, meu crescimento e meu amadurecimento; a elas eu agradeço ser uma mulher forte, que não desiste e vai até final no que deseja; a elas eu dedico todos os meus sucessos e agradeço por ter desfrutado de sua existência enquanto me foi permitido.

Agradeço ao apoio incondicional de mais quatro pessoas que são minha base: Ia, Marciele, Lucas e Marcelo. Vocês são tudo que tenho, minha base, meu coração fora do corpo. Agradeço a cada dia que se esforçaram para que eu pudesse concluir essa graduação, por cada vez que entenderam minhas ausências e por cada dia em que foram tudo com que pude contar. Obrigada pela vida de vocês, eu os amo até o fim!

Agradeço também aos meus pais Adão e Marcio pelo apoio e companhia, pela presença em minha vida.

Um agradecimento especial às famílias Serpa e Peres por me acolherem, entenderem, serem abrigo e colo, afinal de contas, somos muito mais do que laços sanguíneos, e vocês são o verdadeiro sinônimo da palavra FAMÍLIA!

Na minha vida sempre tive muitas mulheres em volta, sempre foram minhas referências e entendi desde cedo que sempre seria “nós por nós”, então aqui eu deixo meu agradecimento especial à Daniela, Camila, Diana, Adriana, Luiza e Arielly.

Entrei na Universidade em 2017, eu tinha 26 anos, ali já me sentia uma estranha, uma das mais velhas da turma, foi muito difícil a adaptação neste espaço que está longe de estar preparado para acolher pessoas, como eu, que não tem como largar a vida e viver da universidade, que precisa cuidar da família, de filhos...

Mas encontrei pessoas que foram de extrema importância para que eu tenha conseguido chegar até aqui, e algumas se tornaram essenciais para minha vida.

Agradeço às professoras Leticia e Renata, pela compreensão e carinho que sempre tiveram, vocês foram de extrema importância para que eu não desistisse no meu pior momento. São professoras incríveis e mulheres inspiradoras. Agradeço também a prof. Débora que se tornou uma amiga com quem compartilhei angústias e risos nessa reta final, sobre assuntos diversos, mas principalmente sobre se dividir entre maternar e a vida acadêmica.

Ao meu orientador, professor Caiuá que desde que tive a primeira aula soube que teria uma importância gigantesca na minha formação. Obrigada pelos conselhos, pelas vezes que me impediu de desistir e principalmente, pelos ensinamentos. Através de ti entendi e cheguei no meu campo de estudo e no que verdadeiramente gosto de estudar.

A todos e todas professoras e professores do curso de História, minha eterna gratidão pela formação completa e humanizada que vocês nos proporcionam! Vocês são fantásticos!

Agradeço ao GEESPA por tudo que aprendo e compartilho junto a vocês desde 2019, sempre serão o “meu grupo”, onde me sinto bem e “em casa”!

Anderson, Eduarda, Cátia, Thayler e João Victor obrigada pela amizade que teve início na Unipampa e se estendeu para a vida, obrigada por seu alívio e por poder dividir meus anseios. Foram viagens, brigas, choros e muitas risadas que jamais serão esquecidas. Amo vocês!

Virginia, Vinicius, Larissa, Rariel, Mayara, Daiani, Ana Carolina, Asami, obrigada pela caminhada, estarei sempre torcendo pelo sucesso de vocês!

Aqui também, um agradecimento muito especial à Lauren, por seu trabalho impecável, por me fazer acreditar em mim, não me deixar desistir, tu és luz no meio de uma escuridão, obrigada!

À turma que entrou em 2017... conseguimos! Uma turma tão diversa, mas que sempre encontrou apoio um no outro.

Bruna e Isadora, muito além de colegas, amigas, irmãs! Apoio, abrigo e, quando necessário, até empurrão! Sem vocês, isso não seria possível, obrigada por compartilhar, por viver comigo tudo isso! Uma amizade que teve início em 2017, mas é como se apenas tivéssemos nos reencontrado. Minha melhor versão é quando estamos juntas! Eu amo vocês!

Para finalizar agradeço muito a quem contribuiu com minha formação de educadora e pesquisadora.

À prof. Edna e prof. Marselle por me receberem e ensinarem tanto.

Ao Museu Visconde de Mauá, que me permitiu realizar a primeira pesquisa sobre a Dona Serafina junto deles e se tornaram grandes amigos, nas pessoas do Heron e da Franciéle.

Obrigada prof. Maristela Corrêa por ser inspiração e por tanta generosidade em compartilhar tanto conhecimento.

Obrigada a família da Dona Serafina por me permitir contar um pouco de sua história e contribuir com tanta generosidade para essa pesquisa, principalmente à dona Eva Nair e à Noni.

Enfim, obrigada a todos que de alguma forma me ajudaram, como falei no início, são tantas mãos que me carregaram nesse tempo de graduação que talvez eu tenha esquecido de alguém. Obrigada UNIPAMPA por tantos ensinamentos, por uma educação pública, gratuita e de qualidade!



“[...] eu que agora tenho voz audível  
Não falarei por ninguém  
Convidarei para virem ao meu lado  
Para não deixarem se apagar  
Ou desencorajar

De que valerão os meus escritos  
Se eu não convocá-las  
Se eu ignorar da onde vim  
Se eu parar em mim

Ryane Leão

## RESUMO

Este trabalho busca evidenciar a trajetória de vida de Oscarina Souza Barros, mais conhecida como Dona Serafina, na cidade onde nasceu e viveu por toda sua existência: Arroio Grande. Localidade situada no sul do Rio Grande do Sul, onde as narrativas oficiais buscam evidenciar a forte tradição açoriana, pretendo fazer um contraponto, demonstrando aqui, que a comunidade negra teve e tem presença marcante. Além disso, esta população estava organizada em coletivos sociais, fazendo com que este lugar também fosse um território de presença negra com movimentos e instituições ativos desde o período da escravidão e que se intensificou no período do Pós-Abolição, com a criação de clubes sociais, associações e entidades diversas. Busco trazer e refletir, neste contexto, a existência e resistência de Dona Serafina, mulher negra, trabalhadora doméstica, que dedicou sua vida a benzedura, ao carnaval, a filantropia e para sua família. Serafina, que conta sua família ter vivido até os 104 anos, tem sua trajetória como referência para refletirmos a respeito de Arroio Grande como um território negro preenchido de protagonismos no sul do Brasil.

Palavras-Chave: Pós-Abolição; Mulher Negra; Benzedeira; Carnaval; Arroio Grande.

## RESUMEN

Este trabajo busca resaltar la trayectoria de vida de Oscarina Souza Barros, más conocida como Doña Serafina, en la ciudad donde nació y vivió durante toda su existencia: Arroio Grande. Ubicación ubicada en el sur de Rio Grande do Sul, donde las narrativas oficiales buscan resaltar la fuerte tradición azoriana, pretendo hacer un contrapunto, demostrando aquí que la comunidad negra tuvo y todavía tiene una fuerte presencia. Además, esta población se organizó en colectivos sociales, haciendo de este lugar también un territorio de presencia negra con movimientos e instituciones activas desde el período de la esclavitud y que se intensificaron en el período Post-Abolición, con la creación de clubes sociales, asociaciones y diversos entidades. Busco traer y reflexionar, en este contexto, la existencia y resistencia de Doña Serafina, una mujer negra, trabajadora doméstica, que dedicó su vida a las bendiciones, el carnaval, la filantropía y a su familia. Serafina, que dice que su familia vivió hasta los 104 años, tiene su trayectoria como referencia para reflexionar sobre Arroio Grande como un territorio negro lleno de protagonismos en el sur de Brasil.

Palabras-clave: Post-Abolición; Mujer negra; Curador; Carnaval; Arroio Grande.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A protagonista: Oscarina Souza Barros, a Dona Serafina .....	13
Figura 2: Serra das Asperezas .....	33
Figura 3: Oscarina Souza Barros – Dona Serafina .....	34
Figura 4: Dona Serafina e parte de sua família .....	39
Figura 5: Serafina e uma de suas irmãs .....	40
Figura 6: Serafina em festa no Clube Guarani .....	42
Figura 7: Festa para Serafina .....	45
Figura 8: Serafina e filhas .....	46
Figura 9: Escola de Samba “Samba no Pé” .....	48
Figura 10: A realeza do carnaval em família .....	50
Figura 11: Mesa dos Inocentes .....	54
Figura 12: Doces na Mesa dos Inocentes .....	55
Figura 13: Dona Serafina e a Mesa dos Inocentes .....	56
Figura 14, 15, 16, 17, 18 e 19: Imagens da entrevista I .....	68

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1- ARROIO GRANDE E UM NOVO OLHAR .....	21
1.1- Arroio Grande: “O berço do grande Mauá” .....	21
1.2- Arroio Grande, uma cidade negra: uma nova perspectiva.....	24
CAPÍTULO 2- ENTRE A FÉ E O CARNAVAL: A TRAJETÓRIA CENTENÁRIA DE DONA SERAFINA .....	31
2.1- “Com trabalho e atitude, na vassoura e na capina/ A raiz da negritude ....Eis a negra Serafina!”.....	33
2.2- “- Abra alas minha gente! - É o bloco da Serafina!”: A trajetória de Serafina no carnaval de Arroio Grande.....	45
2.3- “Ela sempre resolvia com alguma benzedura, oração e simpatia (ou apenas um abraço)”: a espiritualidade na vida da mulher que “benzeu a cidade inteira” .....	50
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	58
REFERÊNCIAS.....	61
APÊNDICES .....	65
A-Entrevista I.....	65
B-Entrevista II.....	74
ANEXOS.....	97
A- A Saga de Serafina.....	97

## **Introdução**

Este Trabalho de Conclusão de Curso pretende apresentar a trajetória de Oscarina Souza Barros, mais conhecida como Dona Serafina, mulher negra, trabalhadora doméstica e reputada na cidade de Arroio Grande/RS por sua dedicação ao carnaval e à benzedura.

**Figura 1: A protagonista: Oscarina Souza Barros, a Dona Serafina**



(Dona Serafina (1911-2016) – Imagem Cedida por Santa Geroni Barros)

Matriarca de família numerosa, teve 8 filhos e muitos netos, bisnetos e tataranetos. Faleceu com 104 anos na cidade onde nasceu e viveu por toda sua vida, dedicando seus dias à família, ao trabalho e à benevolência.

Nasci e cresci em Arroio Grande, sempre no mesmo bairro, tendo como referência as mulheres da minha família, especialmente minhas avós que sempre estiveram tão presentes na minha vida e de meus primos, por este motivo sempre tive genuína proximidade com “avós”. Dona Serafina faz parte de meus pensamentos desde que sou muito nova, matriarca de família numerosa e sempre dedicada aos parentes, fazia parte de meu cotidiano assistir ela passar com seus netos ou bisnetos a caminho da escola, trajeto que ela fazia com grande alegria e disposição. Passava pela minha rua sempre disposta e com um sorriso no rosto, cumprimentando a todos. Sempre a admirei, mesmo sem ter muita proximidade, ouvia histórias de sua vida centenária e para mim ela sempre foi sinônimo de força, carinho e simplicidade. Por este motivo, esta pesquisa primeiramente é motivada pelo sentimento e pela lembrança, por ter essa imagem de Dona Serafina tão forte em minha memória. Imagem que me remete a vida junto de outras mulheres fortes que fizeram parte da minha vida.

Além disso, as discussões realizadas no Grupo de Estudos Sobre Escravidão e Pós-Abolição (GEESPA)<sup>1</sup> da Unipampa no campus Jaguarão, me fizeram despertar o interesse em realizar pesquisa sobre a região em que estamos inseridos, me fazendo refletir sobre a bibliografia já realizada (ou não) sobre a população negra e seus contextos sociais.

Outra motivação para a escolha desta pesquisa, é poder contribuir para a valorização de uma história local e popular tendo como enfoque principal dois pontos: raça e gênero. Minha maior preocupação é dar ênfase à história de uma mulher negra que consolidou sua trajetória na experiência histórica da cidade, sendo figura importante, principalmente, em dois segmentos que, em um primeiro momento, podem parecer tão distintos, mas que ela conduziu e se destacou com naturalidade: a religiosidade e o carnaval.

Busca-se também refletir sobre o apagamento dessas mulheres na história oficial de Arroio Grande na qual tem seu enfoque voltado para a sua elite branca e patriarcal. Uma sociedade, onde geralmente a mulher era reconhecida apenas como a esposa ou mãe de algum homem. Vou evidenciar, portanto, neste contexto, a trajetória de Dona Serafina como protagonista de sua própria história.

---

<sup>1</sup> Grupo vinculado ao Laboratório de História Social e Política (LAHISP) do curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa no campus Jaguarão, criado em 2019 que “busca fomentar ações de pesquisa, registrando também oralidades, e ações de Ensino de História na cidade de Jaguarão e Arroio Grande.”. Retirado do site: <https://sites.unipampa.edu.br/geespa/>. Acesso em: 06/11/2023.

Pretendo analisar a experiência histórica que uma mulher negra viveu em uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, onde até hoje se perpetua o discurso de que não há racismo e que trabalhadores domésticos “são pessoas da família”. Prática social que dialoga com o mito da democracia racial, muito bem aceito pelas classes dominantes no nosso país como nos traz Lélia Gonzalez em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1983).

Além disso, pretendo refletir sobre a importância de trazer a história de uma mulher negra, que representa as raízes de uma das comunidades formadoras da cidade, mas que muitas vezes não é destacada nas escolas ou em eventos oficiais do município. A população negra teve e têm papel fundamental para a história de Arroio Grande, para sua formação política, cultural e social. É essa importância que tenho o objetivo de retratar e destacar nesse trabalho, pois ela por muitos anos foi posta à margem da história oficial, constituindo o que chamamos de racismo estrutural. No livro *Memórias da plantação*, de Grada Kilomba (2019), a autora define racismo estrutural:

O racismo é revelado em um nível estrutural, pois pessoas negras e *People of Color* estão excluídas da maioria das estruturas sociais e políticas. Estruturas oficiais operam de uma maneira que privilegia manifestamente seus *sujeitos brancos*, colocando membros de outros grupos racializados em uma desvantagem visível, fora das estruturas dominantes. (KILOMBA, 2019, p. 77).

De acordo com pesquisas realizadas por mim para este trabalho, poucas são as produções bibliográficas sobre a população negra de Arroio Grande e menos ainda quando se trata de mulheres negras e as experiências históricas delas. Temos trabalhos como o da Beatriz Floôr Quadrado (2016), que realizou análise sobre o concurso de beleza Miss Mulata, onde muitas arroio-grandenses fizeram participações e venceram algumas edições. Também existe o trabalho de Marília Floôr Kosby (2019) sobre o Clube Guarani, e mais recente, temos a Revista *Memórias e Lembranças da Vó Vigica* (2023) de Maristela Machado Corrêa.

Principalmente por esses motivos, escolhi abordar a trajetória de Dona Serafina como foco principal de minha pesquisa, buscando fazer um trabalho voltado à uma mulher negra, popular e com uma rotina vista como “natural”, no sentido daquilo que é determinado socialmente. Trazer o cotidiano dessa mulher, que se assemelha ao de muitas outras mulheres negras que lutam contra um sistema patriarcal e racista é o que me motiva a contribuir para a pesquisa da comunidade negra arroio-grandense.

Minha pesquisa pretende utilizar-se de conceitos e métodos de análises ligados ao campo do Pós-Abolição, que segundo Hebe Mattos e Ana Maria Rios (2004), buscou outros enfoques a respeito dos protagonismos negros:



O campo aberto para os estudos do pós-abolição passou assim a incluir variáveis e preocupações múltiplas. O papel do estado, dos ex-senhores, as condições em que eram exercidas as atividades que empregavam os escravos às vésperas do fim da escravidão, a existência ou não de possibilidades alternativas de recrutamento de mão-de-obra (imigração) etc. Incluiu também a recontextualização de conceitos como cidadania e liberdade e seus possíveis significados para os diversos atores sociais. (MATTOS; RIOS, 2004, p.172)

Partindo da oposição aos estudos e pesquisas realizados anteriormente a consolidação do Pós-Abolição enquanto campo histórico, que segundo Hebe Mattos e Ana Maria Rios se deteve na forma como as elites se relacionaram com estes libertos não levando em conta os projetos de liberdade do povo negro, fazendo sucumbir a representatividade desta população no período republicano, pretendo realizar a pesquisa em função do cotidiano de liberdade e experiências de uma mulher que transitou em diferentes cenários da cidade de Arroio Grande. Abordagem esta que, segundo Tiago Rosa da Silva (2018), tem sido utilizada desde a década de 1980, influenciada por estudos da escola marxista britânica, principalmente os do historiador E.P. Thompson, nos usos de categorias como experiência e agência, que determinam a leitura dos protagonismos das comunidades negras a partir dos sentidos e valores delas mesmas.

Entendendo por princípio de que Dona Serafina foi uma mulher que formou várias redes, construiu pontes e utilizou de espaços reconhecidamente frequentados pela população negra, utilizarei o conceito de racialização enquanto positividade de uma identidade negra.

Para embasar este conceito me utilizo da tese de Fernanda Oliveira da Silva (2017), em que ela afirma em suas pesquisas que o que ela encontrou não foi um generalizado branqueamento dos grupos, apesar de toda estrutura ideológica imposta no estado nacional brasileiro, mas sim “[...] um coletivo de homens e mulheres negras construindo um espaço de afirmação positiva, por meio de estratégias sociais que fossem bem vistas pela comunidade em geral” (SILVA, 2017, p. 20). Ou seja, a população negra no Pós-Abolição utilizou de recursos e experiências para se afirmarem em uma sociedade racista, lutando por cidadania, sem deixar suas características ou costumes esquecidos. Em um país em que o racismo não era constitucionalizado, porém presente no cotidiano, saber e entender essa sociedade, se utilizando do que ela oferecia também era um ato de resistência.

Sobre racialização Silva nos diz:

[...] racialização é apresentada em ambos os grupos de discussões historiográficas como um processo vivido nas Américas assentado em uma hierarquização, com base na ideia de raça. Nesse processo a raça negra ocupa o patamar inferior na hierarquia, estando a branca no superior. Durante a vigência da escravidão, as identidades raciais tinham correspondentes sociais e jurídicos nítidos, no pós-abolição, com exceção dos Estados Unidos, esses correspondentes foram diluídos em outros elementos. Reitero que a ideia de raça seguiu a ser acionada como fator de diferenciação e fundamentou ações mesmo com

a abolição da escravidão. (DA SILVA, 2017, p.27)

Segundo Matheus Batalha Bom (2022), as pessoas negras lidaram com imposições da sociedade, porém deram outros significados aos seus contextos e reformularam suas vidas, isso de alguma forma influenciou as instituições do país e a hierarquia social. As relações e os projetos políticos eram influenciados por essa parcela da população, que de forma alguma foi

tida como invisível ou inerte aos contextos políticos e sociais em que se encontravam, e não aceitaram passivamente estas imposições.

Ainda sobre a racialização, Matheus Batalha Bom nos alerta:

Já o conceito de racialização precisa ser detalhado. De forma geral, trata-se de um processo de essencialização de um grupo étnico, que pode ser positiva ou negativa. Por esse prisma, é preciso considerar que a essencialização não é somente uma via de duas mãos, em que uns essencializam e os outros reagem à imposição racial. Há um espaço de interlúdio, em que a racialização era reconfigurada e adotava novos significados. Existe, portanto, uma fluidez e uma dinâmica maior de ordem heurística no conceito. (BOM, 2022, p. 20)

Fazer a interseccionalidade entre raça<sup>2</sup> e gênero<sup>3</sup> se faz muito necessário pois em muitos aspectos, além da discriminação racial, ainda existia a diferenciação entre homens e mulheres. Estas últimas, eram discriminadas e postas ainda mais à margem da sociedade quando estavam à procura de sua própria liberdade, inclusive econômica. Mulheres negras diversas vezes foram responsáveis por prover o sustento de suas famílias, tendo que trabalhar desde muito novas.

Grada Kilomba (2019) pontua que:

[...]‘raça’ não pode ser separada do gênero nem o gênero pode ser separado da ‘raça’. A experiência envolve ambos porque construções racistas baseiam-se em papéis de gênero e vice-versa, e o gênero tem um impacto na construção de ‘raça’ e na experiência do racismo. (KILOMBA, 2019, p.94)

Para compreender as formas de resistência e experiências de minha pesquisada, me faço valer de leituras acerca da benzedura e do carnaval como prática social.

A benzedura é um ato que se relaciona com os saberes populares, geralmente conduzida por pessoas tidas como simples nas comunidades, em sua maioria, realizada por mulheres, e que permite o deslocamento e movimentação destas em diversas áreas da sociedade, fazendo-lhes reconhecidas.

De acordo com Ana Paula Melo da Silva (2019):

A benzedura é uma prática comum em todo território brasileiro, sua utilização enquanto modalidade de cura data de tempos imemoriais. No presente trabalho considera-se esta enquanto prática híbrida, formada através do conjunto de culturas africanas, indígenas e europeias, no entanto debruça-se com maior afinco acerca das

---

<sup>2</sup> De acordo com Almeida (2019) Raça é um termo “[...]atrelado às circunstâncias históricas em que é utilizado.” (ALMEIDA, 2019, p.18). Ele ainda coloca que: “[...]a raça opera a partir de dois registros básicos que se entrecruzam e complementam: como característica biológica, em que a identidade racial será atribuída por algum traço físico, como a cor da pele, por exemplo; 2. como característica étnico-cultural, em que a identidade será associada à origem geográfica, à religião, à língua ou outros costumes, “a uma certa forma de existir”[...]” (ALMEIDA, 2019, p. 21)

<sup>3</sup>Scott (1995) define gênero da seguinte maneira: “[...]”: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.[...]”. Portanto, gênero seria aqui definido muito mais do que conceitos sexuais ou biológicos, mas de relações de poder.

contribuições negro-africanas por considerar que a prática foi imprescindível para a manutenção da vida e possibilidade de sobrevivência durante a diáspora e que ainda hoje atua enquanto alternativa de cura e autocuidado. (SILVA, 2019, p. 9)

O que é quase unânime, é o fato de que as benzedeadas ou benzedores associam o ato de benzer como um dom divino, o que podemos confirmar em artigo de Lorena Almeida Gill e Eduarda Borges da Silva (2019), quando entrevistaram dezoito pessoas, entre mulheres e homens, entre os anos de 2009 e 2014.

Ainda sobre as atividades que exercia Dona Serafina, se encontra o carnaval, espaço de sociabilidade e resistência negra em todo o Brasil, e que em Arroio Grande/RS não foi diferente.

De acordo com entrevista realizada como primeiro contato com as filhas da pesquisada<sup>4</sup>, Dona Serafina foi figura marcante em carnavais de rua e também no Clube Guarani, clube social negro da cidade.

Conforme Tiago Rosa da Silva (2018), os estudos sobre o carnaval no Brasil se concentraram muito no Rio de Janeiro, não dando conta da diversidade no país e da tradição desta festa popular no Rio Grande do Sul. Neste estado, o carnaval sempre teve uma grande participação negra, onde as entidades carnavalescas funcionaram também para obter valorização social e reconhecimento.

Ainda de acordo com Silva (2018), o estudo sobre o carnaval em cidades do interior se tornou importante para observarmos os protagonismos de negros e negras “[...] cuja narrativa histórica ‘oficial’ fez questão de silenciar.” (SILVA, 2018, p. 90).

Ademais, pretendo me utilizar de entrevistas concedidas pela família de Dona Serafina para me aprofundar melhor em sua história permeada de sociabilidade e altruísmo, e do método da História Oral para realizar esta pesquisa, já que a família afirmou que não possui mais documentação da pesquisada.

Segundo Alberti (2018), a História Oral “[...] pode ser definida como *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados.” (ALBERTI, 2018, p. 17). Neste trabalho a usaremos como principal fonte de pesquisa e como método de investigação para conhecer e se aprofundar na trajetória de nossa pesquisada, revivendo assim as memórias de sua família ainda tão vivas.

---

<sup>4</sup> Apêndice A deste trabalho.

Para a construção deste trabalho, primeiramente se fez necessário o levantamento de bibliografia acerca do campo de estudos que pretendo abordar e leituras que contemplaram o método que utilizei para realizar a construção da trajetória da personalidade pesquisada.

Após estes estudos, contatei a família da pesquisada para coleta de documentos<sup>5</sup> e realizei entrevistas com os mesmos, para reunir informações e assim ser possível construir, com o método de História Oral, ao menos um retalho de uma vida centenária tão importante para a história de Arroio Grande. Trajetória que marcou gerações, seja no campo da benzedura, seja no campo do carnaval, ou como mãe e pessoa conhecida da comunidade que era.

Sendo assim, este trabalho está dividido em dois capítulos em que procuro responder algumas questões. No primeiro capítulo, me concentro na história da cidade de Arroio Grande, onde minha personagem central nasceu e viveu sua vida inteira. Este capítulo está dividido em dois subcapítulos. No primeiro, abordo a cidade de acordo com sua história tradicional, problematizando qual narrativa que vem sendo contada nos livros e na maior parte da bibliografia encontrada sobre o município. Essa “história oficial” dá conta de toda população de uma cidade?

Após, no segundo subcapítulo, me ateno em demonstrar Arroio Grande como uma cidade negra, e questionar quais fontes bibliográficas foram ou estão sendo produzidas acerca desta perspectiva. Seria possível afirmá-la como cidade afro-gaúcha, de acordo com suas experiências históricas e alguns pesquisadores que já trataram da temática? É o que pretendo responder.

O segundo capítulo foi dividido em três subcapítulos. O primeiro traz a vida de Dona Serafina desde sua infância na zona rural de Arroio Grande até a vida na “cidade” com seus filhos, netos e bisnetos. Me perguntei, como foram seus primeiros contatos com a benzedura e com o carnaval? Quais as redes de apoio e associativismo que ela mantinha? E ainda, busquei refletir, como uma mulher negra resistiu ao preconceito e as adversidades da vida nessa cidade?

No segundo subcapítulo trago sua experiência com o carnaval da cidade: que importância essa mulher teve para essa festa? E para encerrar, no terceiro subcapítulo trago sua trajetória com a benzedura. Dom, que aprendeu ainda na infância, desenvolveu e praticou até o final de sua vida com muita dedicação. Quais eram suas práticas e como as utilizava?

---

<sup>5</sup> Já na primeira entrevista a família me informou que não teria documentação para me disponibilizar, apenas fotografias e memórias.

O que teremos nas próximas páginas são relatos cheios de sentimentos, que foram impossíveis de não os sentir, mas que foram preenchidos de dedicação para responder essas perguntas e fazer um pequeno retalho de uma história tão relevante e singular para a comunidade arroio-grandense.

## **Capítulo 1- Arroio Grande e um novo olhar**

Neste capítulo pretendo apresentar ao leitor a cidade de Arroio Grande, palco das vivências de nossa protagonista, local conhecido como Cidade Simpatia e a Terra do Barão de Mauá.

Arroio Grande é, ainda nos dias de hoje, permeada pelo mito dos grandes heróis, recheada de bibliografia tradicional e patriarcal, mas que com o tempo vem sendo mudada. Pouco a pouco tem sido reconhecida a história de outros/as protagonistas de diferentes meios sociais que também fizeram parte de sua trajetória. É o que pretendo mostrar um pouco neste primeiro capítulo: localizar Arroio Grande neste espaço consolidado e demonstrar que desde o início dos anos 2000, a história vem sendo contada por outros olhares, outras perspectivas, a qual representam um número maior de sua comunidade.

### **1.1- Arroio Grande: “O berço do grande Mauá”<sup>6</sup>**

Arroio Grande é uma cidade que se localiza no sul do Rio Grande do Sul, próxima à cidade de fronteira com o Uruguai, Jaguarão, município do qual foi distrito até o ano de 1873, sendo elevado à condição de cidade em 1890<sup>7</sup>. Com população estimada em 17.558 habitantes, segundo censo do IBGE de 2022<sup>8</sup>, a história desta cidade localizada no extremo sul do Rio Grande do Sul é permeada de narrativas constituídas pelo mito dos grandes heróis, sendo conhecida como a “Terra do Barão de Mauá”<sup>9</sup>.

Conforme o que consta no site oficial da Prefeitura Municipal de Arroio Grande, o município foi constituído em terras doadas pelo avô de Irineu Evangelista de Sousa, o Barão

---

<sup>6</sup>Trecho retirado do hino oficial do município de Arroio Grande, fazendo referência à Irineu Evangelista de Sousa, político e empresário nascido no município, ao qual a cidade faz questão de sempre lembrar de ser a família uma das primeiras famílias de sesmeiros a ocupar o espaço onde hoje é o município de Arroio Grande.

<sup>7</sup>De acordo com informações do Site Prefeitura Municipal de Arroio Grande. Disponível em: <https://www.arroiogrande.rs.gov.br/>. Acesso em: 26/09/2023

<sup>8</sup>Informação do Site do IBGE, censo de 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 09/10/2023

<sup>9</sup>Assim é chamada a cidade de Arroio Grande no meio turístico.

de Mauá, que foi “político, empresário, advogado e diplomata”<sup>10</sup>. Ele nasceu em Arroio Grande, mas constituiu sua vida e carreira no Rio de Janeiro, motivo que orgulha a cidade em ser “o berço do grande Mauá”.

A partir da devoção por Mauá, criou-se uma narrativa patriarcal e elitista sobre a cidade de Arroio Grande, colocando mulheres, negros e indígenas à margem da história oficial, dificultando assim a construção de uma bibliografia mais abrangente de sua população. Isto fez com que poucas pessoas tenham pensado ou pensem Arroio Grande de outra forma, a não ser pela ótica deste discurso tradicional.

Com pesquisa realizada junto à Biblioteca Municipal de Arroio Grande, foi possível mapear algumas obras sobre o município. Lá, encontrei bibliografia como as do autor Claudenir Caetano (2010), que são mais recentes, e que são obras que falam sobre educação tanto na cidade quanto no meio rural. Também encontra-se um livro de Eduardo Henrique Paia Messon (1983), que conta os 87 anos de imprensa escrita em Arroio Grande, por exemplo. Encontrei apenas duas obras que são sobre povos indígenas que povoaram a região, ambas do autor Claudio Corrêa Pereira, *Minuanos/Guenoas: Os Cerritos da bacia da Lagoa Mirim e as origens de uma nação pampiana* (2008) e *80 Minuanos para Carlota Joaquina: A nação Minuano/ Guenoa: História documentada pelos colonizadores na pampa Rio grandense e uruguaio* (2015), sendo que a mais recente foi escrita em parceria com o Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão. Importante destacar, que não encontrei nenhuma em específico, e com foco de sua produção, que contemple a história do povo negro na cidade.

Até, pelo menos, o início dos anos 2000, o que temos sobre Arroio Grande são trabalhos que refletem o pensamento do que é história na cidade para seus representantes políticos. São produções sobre padres (LUNELLI, 1996), educação (CAETANO, 2010), imprensa (MESSON, 1983), futebol (JUNIOR, 2011), dentre outras<sup>11</sup>, e nenhuma delas aborda como tema principal a presença negra nesses espaços. Porém, sabemos que a comunidade negra estava organizada e fazendo parte da história do município, não apenas como coadjuvantes, mas como protagonistas e importantes figuras para a construção de uma cidade. Como exemplo disto, temos o Clube Guarani, que segundo Quadrado (2017), foi fundado em 1920 por um grupo de amigos para a sociabilidade das famílias negras da cidade.

A carência de bibliografia acerca do povo negro de Arroio Grande até o início dos anos 2000, vem de uma valorização da cultura açoriana, e como já dito anteriormente, elitista

---

<sup>10</sup> Esta é a descrição que encontrei de Irineu Evangelista de Sousa no trabalho de Freitas (2019, p. 11)

<sup>11</sup> Acima trouxe alguns exemplos de obras encontradas sobre a cidade, porém existem outras, alguns de um mesmo autor. Encontrei na Biblioteca Municipal de Arroio Grande um total de 14 obras.

na cidade. Desde o princípio, a cidade se vê com raízes de origem açoriana e desconsidera a raiz indígena e negra em sua construção. Percebemos isso quando procuramos por referências que contêm a história da cidade, como se apenas a documentação escrita validasse a história e como se não houvesse mais registros de habitantes na região antes da chegada dos portugueses. Uma narrativa que assenta sua referência na tradicional historiografia riograndense, que desde o século XIX, mas ganhando força após a criação do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul em 1920, buscou generalizar uma matriz de pensamento chamada de lusitana (GUTFREIND, 1992). Buscava-se, neste sentido, monumentalizar uma abordagem ideológica nacionalista na história do estado, que supervalorizou os valores lusitanos, tais como disciplina, moral, devoção religiosa, supostamente presentes na experiência histórica açoriana na região.

A origem açoriana arroio-grandense se deve ao fato, de que o território onde está o município hoje, começou a ser habitado através de concessão de sesmarias que teria começado por volta dos anos de 1790, quando esta localidade ainda fazia parte do município de Jaguarão. Posteriormente, teria se desenvolvido através deste marco e sendo elevada à categoria de Vila em 24 de março de 1873.

A liderança religiosa do “patriarca” do município, o açoriano vindo de Maldonado, Manuel Jerônimo de Souza foi decisiva para a fundação da cidade. Mesmo chegando 6 anos depois dos primeiros sesmeiros, ele soube costurar alianças matrimoniais e tornar-se líder. Seu neto, Manuel de Souza Gusmão, seguindo seus passos, ganhou astutamente a aposta entre “as margens”. Depois, doou os terrenos para a construção da cidade para uma “Irmandade” [...] (SCHRODER; BORGES; VIEIRA, 2008, p. 4)

Sabemos que a história do povo negro foi invisibilizada no Brasil, não sendo, assim, diferente em Arroio Grande, onde a história oficial dá conta de sua origem açoriana, de seus importantes sesmeiros e homens que estavam à “frente” das estruturas políticas e sociais. O que invisibilizou e pôs à margem, homens e mulheres negros e negras, que tiveram importante contribuição para o desenvolvimento da cidade.

Porém, em âmbito nacional, a produção sobre a história do povo negro teve um avanço significativo há décadas e uma vasta bibliografia foi e tem sido construída<sup>12</sup>. Já em Arroio Grande, a produção bibliográfica é muito recente e carece de maior amplitude.

É no final da primeira década dos anos 2000, que o tema começa a ser trabalhado com mais atenção e que podemos encontrar trabalhos que mencionem a presença negra ou indígena na construção de Arroio Grande.

---

<sup>12</sup>Ver em: Reis; Silva (1989), Rios; Mattos (2005)



## 1.2- Arroio Grande, uma cidade negra: uma nova perspectiva

Minha intenção aqui é demonstrar que apesar da precariedade de registros acadêmicos que deem conta da presença negra em Arroio Grande, a cidade pode ser considerada uma cidade afro-gaúcha. Está impregnada na sua experiência histórica, e alguns pesquisadores, mesmo que poucos, já perceberam a cidade desta perspectiva.

Apesar de Arroio Grande contar com um movimento negro organizado e protagonistas refletindo sobre a cidade já há alguns anos, como exemplo desses protagonismos podemos citar a organização do Clube Guarani (que mesmo depois de ter sido fechado se tornou um Ponto de Cultura) a prof. Maristela Machado Corrêa<sup>13</sup> (que já vem há alguns anos trabalhando tanto em sala de aula quanto fora dela a questão racial e de identidade negra positiva dentro da cidade), o artista plástico José Darci Gonçalves (que retrata em suas obras a história da população negra), entre outros. Poucos são os trabalhos acadêmicos que demonstram Arroio Grande de uma outra perspectiva que não seja a da “história tradicional”, mas estes existem, principalmente a partir dos anos 2000. São pesquisas que fogem deste “padrão” que vinha sendo feito e traz outros personagens importantes para a construção da cidade além dos açorianos.

Os trabalhos concentram-se, principalmente, em torno da história do Clube Guarani. Marília Floôr Kosby, Beatriz Floôr Quadrado e Franciéle Gonçalves Soares, são exemplos de autoras que abordaram as atividades do Clube em seus trabalhos. Temos a abordagem da luta contra a discriminação racial e o concurso de beleza Miss Mulata, em Quadrado (2012; 2013), o registro etnográfico de narrativas sobre o Clube em Kosby (2019), e a pesquisa de Soares (2018) que realizou abordagem sobre uma proposta para a reabertura da instituição. Esta última autora, também tem um trabalho em colaboração com Alessandra Buriol Farinha em 2022, que narra as memórias do Guarani.

Além destes trabalhos, fui em busca de outros que me ajudassem, com dados e informações, a concluir que podemos afirmar que Arroio Grande é uma cidade negra. Para tal, vamos voltar ao século XVI, quando o tráfico de escravizados deu início e se tornou um comércio lucrativo para o Império Marítimo Português e posteriormente ao Brasil, tendo duração de quase 400 anos, impactando e deixando consequências em toda uma sociedade até os dias atuais.

---

<sup>13</sup> Professora, hoje aposentada, da rede pública de ensino do Estado e ativista dos movimentos sociais negros do município de Arroio Grande. Autora da Revista *Memórias e Lembranças da Vó Vigica* (2023), foi patronesse da XVII Feira do Livro de Arroio Grande no ano de 2023.

Segundo Jônatas Marques Caratti (2010):

Entre os séculos XVI e XIX, o Brasil recebeu mais de três milhões de africanos para serem utilizados e comercializados, quase 50% do total importado para as Américas. Esse importante número de almas traficadas pelo Atlântico esteve relacionado com a exploração de riquezas naturais, como o ouro, a cana-de-açúcar e o café, destinadas à exportação. Nesse contexto, o tráfico tornou-se um negócio lucrativo, pela importante procura pelo negro escravizado como mão-de-obra, desde o século XVII. Mas além de lucrativo, o tráfico era organizado, um tipo de empresa que tinha funcionamento e estruturação própria. (CARATTI, 2010, p.122)

Ainda segundo Caratti (2010) africanos eram trazidos para o Brasil e chegavam principalmente dos portos do Rio de Janeiro e Bahia, sendo este último o principal ponto de saída de africanos Nagôs e Angolanos para o Rio Grande do Sul. Berute (2006) nos informa que essa era chamada terceira perna do tráfico, que viabilizava a existência de um número importante de africanos e africanas em diferentes localidades do interior do Estado do RS. Estes eram deslocados numa viagem até o porto de Rio Grande e de lá partiam para o sul pela Lagoa Mirim em viagem que durava aproximadamente dois dias até Jaguarão, município no qual Arroio Grande foi Freguesia até o ano de 1873, como já foi dito anteriormente. Ainda segundo Caratti (2010), a Lagoa Mirim foi cenário de intenso contrabando no século XVIII, sendo atividade frequente até o século XIX.

Nesta região, a principal fonte econômica era a pecuária, o que fez com que por muito tempo pesquisadores tenham negado a existência de grande número de escravizados, pois diziam que seria praticamente inviável manter escravizados nas fazendas lidando com cavalos, pois facilitaria suas fugas. Argumentavam ainda que a lida campeira era prescindível de trabalho numeroso, fundamentalmente o escravizado.

Sobre essa informação, Tiago Silva (2015), que realizou trabalho sobre as fugas de escravizados em Jaguarão, refletiu que tal fato era um ato de resistência negra bastante comum no período da escravidão na região. As fugas geralmente aconteciam de forma individual, mas também encontrou sendo feitas por famílias na travessia do Rio Jaguarão, porém era algo extremamente arriscado para o escravizado que vivia sob grande vigilância das elites e autoridades policiais.

Também temos a informação de que, em 1828, a freguesia de Arroio Grande já possuía grande relevância econômica na pecuária, desde seus primeiros sesmeiros<sup>14</sup>, contando

---

<sup>14</sup> Sobre a relevância de Arroio Grande na pecuária, Figueiredo (2019) cita que: “A julgar pelos bens inventariados de Manoel Jerônimo de Souza, poucos anos antes, em 1828, a localidade possuía relevância econômica apesar da incipiente organização. Souza, um dos primeiros sesmeiros, deixou mais ou menos 900 reses, 500 ovelhas, 30 cavalos e 30 bois mansos, pastando numa estância de duas léguas e quatrocentas braças de comprido.” (Silveira, 2018, p.39 apud Figueiredo, 2019, p. 27). E ainda: “No rol dos bens de Souza ainda constavam treze escravizados.” (Figueiredo, 2019, p.28)

com trabalhadores escravizados em suas terras. Fundamental evidenciar, que o contexto que segue a década de 1850<sup>15</sup>, se torna favorável para os negócios de criadores de gado, sendo que a principal produção era destinada às charqueadas.

De acordo com Figueiredo (2019), em 1858 a Freguesia de Arroio Grande contava com 3.929 habitantes, sendo que destes, 1.833 eram escravizados. Estes estavam em sua maior parte, localizados na zona rural, mais afastada do meio urbano, onde estavam inseridas as charqueadas, ou seja, quase metade da população naquele período era escravizada.

O censo de 1872 revela que a população total na Freguesia de Arroio Grande era de 5.686 pessoas, contando com 1.612 escravizados, uma queda em relação ao ano de 1858, porém, “[...] era a 11º maior população cativa no Rio Grande do Sul, com apenas 24 escravizados a menos do que Jaguarão, então sede do município.” (FIGUEIREDO, 2019, p. 29).

Portanto, o que vimos até aqui é que, diferentemente das primeiras fontes colhidas de bibliografias encontradas na Biblioteca Municipal da cidade e da história escolhida para ser contada de Arroio Grande, a cidade se constituiu também de pessoas negras que povoaram esta localidade e estavam em todos os lugares, realizando todos os tipos de trabalhos. Chegaram inclusive a ser quase metade da população total no ano de 1858, fazendo pensarmos que a predominância da história da elite contada, é apenas uma escolha política.

Sabemos que a população negra estava organizada, construindo estratégias de liberdade mesmo antes da abolição da escravidão em 1888. Silva (2017) nos traz um exemplo no Rio Grande do Sul que é a Sociedade Floresta Aurora, fundada no ano de 1872, em Porto Alegre, que foi o primeiro clube social negro da antiga Província.

Em Jaguarão, diversas foram as formas de resistências e sociabilidade da população negra também, onde, segundo Al-Alam e Oliveira (2021) se tem documentado a existência de três Clubes Sociais Negros que se organizavam e buscavam estratégias para sobreviver na sociedade de diversas formas:

Esta comunidade negra, evidenciada aqui nos clubes sociais, parece ter uma atuação calcada em, pelo menos, três esferas: a Igreja Católica; os Cordões Carnavalescos; e o Movimento Operário. A mobilização junto à Igreja Católica por parte da comunidade negra foi uma realidade durante o período colonial e também imperial. Principalmente através das Irmandades católicas, como as de Nossa Senhora do Rosário, negros e negras construíram práticas de devoção, mas também buscaram criar ações associativas que garantissem conforto no mundo material e espiritual. Destaca-se, neste sentido, o protagonismo de escravizados/as e libertos/as que, mediante estratégias coletivas a partir das Irmandades, formaram redes de ajuda

---

<sup>15</sup> Principalmente após dois grandes conflitos bélicos: a “Guerra Grande” (1839-1851) e a Guerra do Prata (1851-1852).

mútua que pudessem colaborar para o acesso às alforrias de suas comunidades[...]. (AL-ALAM; OLIVEIRA, 2021, p.506)

Em Arroio Grande não foi diferente, uma cidade fronteiriça com um contingente tão grande de população negra também foi palco de muita resistência e associabilidade.

Fundadas ainda no período da escravidão, as Irmandades religiosas, foram importantes associações dentro das igrejas católicas e constituíram, segundo Silva (2017) “[...] a primeira forma de associativismo negro permitida pelas autoridades do espaço que viria a se constituir como Estado Nação brasileiro.” (SILVA, p. 48)

Outro importante espaço de sociabilidade e luta contra o preconceito, foram os clubes sociais negros, que tiveram um papel fundamental no período do Pós-Abolição. Este tema foi o mais aprofundado por pesquisas que trataram sobre as experiências do povo negro de Arroio Grande na história da cidade.

Segundo Fernanda Oliveira da Silva (2017), os clubes negros:

[...] são construções culturais que conferem inteligibilidade e densidade histórica à experiência de racialização vivenciada no pós-abolição, especialmente na região de fronteira Brasil - Uruguai. Parto da hipótese de que a criação de clubes, em uma região de maioria branca, enuncia sobre o entendimento desses como espaços de lutas políticas que informam sobre cidadania, tendo por base, por um lado, uma ideia de raça e, por outro, valores sociais compartilhados que condicionaram a formação de uma identidade negra positiva. (SILVA, 2017, p. 21)

Em Arroio Grande, podemos destacar o Clube Guarani como este espaço de sociabilidade, resistência e rede de apoio mútuo entre as famílias negras da cidade. Fundado em 1920 por um grupo de amigos, segundo Quadrado (2012), o nome do Clube teria sido escolhido para:

[...]desviar o foco da cor da pele sobre o clube, ou seja, pode se pensar que a associação foi criada como um meio social, para festas e reuniões, sem diferenciação étnica ou racial, por isso um nome sem classificação real do verdadeiro grupo discriminado, o qual necessitou de um espaço para conviver em sociedade. (QUADRADO, 2012, p.99)

Neste mesmo período existiam outras três associações na cidade, o Clube do Comércio, Clube Caixeiral e o CTG Tropeiros da Querência. Segundo relatos, não era permitida a entrada de negros nesses espaços<sup>16</sup>, o que deixa evidente a discriminação racial na cidade e a necessidade do contraponto, da afirmação cidadã de uma identidade racial negra positiva.

---

<sup>16</sup> Todos autores que tive acesso que escreveram sobre o Clube Guarani apontam para este fato, inclusive ter sido o motivo da fundação do Clube como podemos ver em SOARES; FARINHA (2022). e também QUADRADO (2012).

Conforme Estatuto do Clube, seu objetivo era “Proporcionar aos seus associados festas de qualquer natureza, especialmente bailes, não sendo estes menos de seis, por ano; obras de arte, quermesses, etc.” (QUADRADO, 2012, p. 99).

Sobre a participação das mulheres nos clubes sociais negros, podemos citar aqui o trabalho de Taiane Lopes (2015), onde a autora exalta o protagonismo das mulheres no Clube 24 de Agosto e em outros clubes do Estado do Rio Grande do Sul. Como exemplo, podemos citar o Sport Club Gaúcho que teve sua primeira diretoria organizada por mulheres, e o Clube das Margaridas, que seria um clube composto somente por mulheres negras, ambos da cidade de Caxias do Sul. Mais para o sul, Lopes analisa a participação das mulheres no Clube 24 de Agosto, o Clube negro da cidade de Jaguarão. Mas também problematiza a invisibilidade e a reprodução de uma hierarquia patriarcal:

Apesar de estarem, em muitos casos, decidindo questões relacionadas às festas, quantidades de comidas para vendas, e decorações do espaço, atividades essas que foram forjadas e atribuídas ao gênero feminino dentro da construção das relações sociais do Clube, tais mulheres têm suas trajetórias relacionados à resistência dentro de uma instituição machista, que cercava seus espaços através de estatutos, com punições mais severas quando se tratava delas, mas que não abria mão da presença feminina quando precisavam de ajuda. (LOPES, 2015, p.41)

Assim como nos clubes analisados por Lopes (2015), no Clube Guarani, em Arroio Grande, a questão de gênero fazia diferença nas relações e funções deste espaço associativista. Até 2005, somente homens podiam assumir a presidência do Clube Guarani, e as mulheres participavam do “Clube da Casa da Amizade”, no qual faziam a organização das festas, encontros e chás.

Segundo Quadrado (2012), a divisão da organização se constituía da seguinte forma: os homens cuidavam da parte administrativa e as mulheres organizavam as festas do clube, a parte social.

No Clube Guarani existiam diversas festas, como o Baile de Primavera; Bailes de Carnaval; o Baile das Rosas, em que se comemorava o início da primavera; Bailes de posse, realizados nas renovações da direção do clube; Baile de Debutantes; Festa Kizomba (em Yorubá, é festa de integração), na qual havia bingos e atos religiosos e também as “Quermesses”, que contribuíam para a arrecadação de dinheiro à associação e havia blocos de carnavais, como exemplo, o “Bloco Sempre Reinando”, de 1938. (QUADRADO, 2012, p.102)

Outro exemplo que demonstra o protagonismo das mulheres no clube são as rainhas do carnaval, uma forma de valorizar e reafirmar a importância e a beleza da mulher negra. Estas rainhas, faziam seus desfiles com fantasias luxuosas pelo salão, além disso, estas mulheres negras e os presidentes do Clube, eram as únicas pessoas negras que podiam “visitar” os outros clubes da cidade no período do carnaval, segundo Soares e Farinha (2022).

Quando se trata do Clube Guarani, as primeiras memórias que aparecem são de suas festas, seja de carnaval ou bailes semanais. Porém, também existiram outras manifestações muito importantes no Clube, como o Concurso Miss Mulata<sup>17</sup>, que valorizava a beleza da mulher negra e afirmava sua identidade. O concurso, que teve início na cidade de Arroio Grande, acontecia nas dependências do Clube Guarani, e durou 30 anos. No início contava com participantes da zona sul do estado, mas a partir dos anos de 1980 passou a ser um evento de nível estadual.

O que se percebe quando pesquisamos a história do Clube Guarani, é a categoria de família. Kosby em sua pesquisa etnográfica diz que em muitos relatos ouviu que “o Guarani era uma família só” (2014, p.3) pois a maioria das pessoas que faziam parte de alguma forma do Clube, tinham ligação entre si, sejam sanguíneas ou de parentesco. E por muito tempo essas famílias foram as responsáveis pela organização da instituição.

Segundo Soares (2022), a última festa realizada no Clube Guarani aconteceu em fevereiro de 2005, onde foi realizado um “grito de carnaval”. Logo depois, em 2006, o Clube sofreu com denúncias de falta de isolamento acústico e acabou sendo fechado por ordem judicial. Estas denúncias, segundo Kosby (2014), foram feitas através de um abaixo-assinado, que continham reclamações de suposta sujeira, infestação de ratos, e colmeia de abelhas dentro das dependências do Clube, dentre outros aspectos que carregam um sentido que remete a uma qualificação do espaço, como “sujo”. Porém, a autora aponta um fato curioso, as assinaturas que constam neste abaixo-assinado são feitas por moradores de bairros mais distantes da instituição, além de que o Clube do Comércio, que fica distante um quarteirão do Guarani, e que também não possuía isolamento acústico, não sofreu tais denúncias por perturbação. Fica assim evidente, que em 2006, o Clube ainda sofria com discriminação e estereótipos.

De acordo com Quadrado (2012), a partir dessas denúncias, depois de 86 anos de intensa contribuição social e histórica para a cidade, o Clube se viu obrigado a fechar as portas e encerrar suas atividades em 2006, por ser inviável a compra de uma estrutura de isolamento acústico.

As dependências do Clube, ainda serviram de local para o Ponto de Cultura “Axé Raízes” em 2011, um projeto da Universidade Federal do Rio Grande (FURG) com oficinas de danças, capoeira, artes, etc.

Para Amilcar Araújo Pereira, o movimento negro organizado é:

---

<sup>17</sup> Concurso com origem em Arroio Grande em 1969, tendo como idealizador o professor de história Antônio Carlos da Conceição. Ver mais em: QUADRADO, 2015.

[...]um movimento social que tem como particularidade a atuação em relação à questão racial. Sua formação é complexa e engloba o conjunto de entidades, organizações e indivíduos que lutam contra o racismo e por melhores condições de vida para a população negra, seja através de práticas culturais, de estratégias políticas, de iniciativas educacionais etc.; o que faz da diversidade e pluralidade características desse movimento social. (PEREIRA, 2010, p.81)

Principalmente a partir da década de 1980, o Movimento Negro tem intensificado sua luta a partir de novas estratégias de atuação, fazendo com que lideranças políticas do país se comprometessem com a questão racial e a população se engajasse mais na luta contra o racismo. A cidade de Arroio Grande não ficou de fora dessas mudanças. Como vimos anteriormente, mesmo no período da escravidão existiam estratégias e resistências na localidade, e com o passar do tempo, mesmo que com a política do embranquecimento realizada em todo país no pós-abolição, elas persistiram. O Clube Guarani, que sempre serviu de espaço para sociabilidade e resistência da população negra se organizar na cidade, é um exemplo, e mesmo depois de fechado segue sendo símbolo de luta.

Outra sociedade importante é a Banda Farroupilha, uma instituição fundada em 1933 majoritariamente por homens negros, criada com o intuito de animar os carnavais de clube e de rua, e outras festividades do município. A banda já passou por diversas formações, mas a base continua sendo de homens negros, continua ativa ainda nos dias atuais, completando 90 anos no ano de 2023.

Em 16 de junho de 2012 foi criada a Associação Religiosa Afro-umbandista de Arroio Grande (ARAU-AG)<sup>18</sup> que unifica diversas casas de religiões afro da cidade, e promove diversas atividades e eventos voltados à valorização da religião.

No ano de 2021 foi criado o Conselho de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR)<sup>19</sup>:

Art. 1º - O Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial tem por finalidade deliberar e fiscalizar políticas públicas, programas. Projetos e ações voltadas à promoção da igualdade racial e atuar no controle social de políticas públicas, assim como exercer a orientação normativa e consultiva sobre temáticas atinentes à igualdade racial no Município de Arroio Grande.

Já em 2021, foi criado o UBUNTU - Movimento Negro de Arroio Grande com o objetivo de buscar “a igualdade racial e valorizar a cultura afro dentro da sociedade”<sup>20</sup>. Esta

---

<sup>18</sup> 2023, página do Instagram ARAUAG. Disponível em: <https://instagram.com/arau.ag?igshid=NzZlODBkYWE4Ng==>. Acesso em: 01/11/2023

<sup>19</sup> Conforme Lei Municipal 3.209, de 03 de dezembro de 2021. <<https://cultura.arroiogrande.rs.gov.br/conselhos/conselho-de-promocao-da-igualdade-racial>> Acesso em: 31/10/2023

<sup>20</sup> 2023, página do Instagram UBUNTU - Movimento Negro de AG. Disponível em: <https://instagram.com/ubuntumnag?igshid=NzZlODBkYWE4Ng==>. Acesso em: 01/11/2023

entidade foi fundada por um grupo de pessoas negras da cidade que promove eventos e discussões lutando por direitos e contra o racismo.

De acordo com Corrêa (2021), existiram em Arroio Grande outras associações e entidades organizadas e mantidas pela comunidade negra, entre elas podemos citar: “MOJOG” (Movimento dos Jovens do Clube Guarani), fundado no ano de 1973; COFEMIM- Comissão de Festa do Miss Mulata-RS (Coletivo de Mulheres responsáveis pela organização do Concurso de Miss Mulata), criada em 1987; o Movimento Negro do Clube Guarani na década de 1990, dentre outros.

Como vimos, a população negra resistiu e constituiu instituições e associações para manter redes de apoio mútuo, sociabilidade e bem viver. Muitas lideranças negras surgiram dos movimentos sociais negros políticos orgânicos, mas também fora deles e é este segundo caso que pretendo mostrar.

Foi importante fazer uma contextualização do que já se tem registrado da história de Arroio Grande e demonstrar que, apesar dessa carência de bibliografia que evidencie a cidade fora dessa lógica patriarcal e elitista, há dados e fontes que provam que Arroio Grande foi um território negro importante. Caracterizou-se como um grande centro escravista desde a chegada dos primeiros sesmeiros, com grande importância e influência para a região, e sua população foi e é constituída/construída por pessoas negras que forjaram suas vidas na luta e resistência.

Dona Serafina é um exemplo dessas pessoas negras que ajudaram a construir a história da cidade, com grande influência social, transitava em diversos meios, e a sua vida foi marcada pela luta, generosidade e simplicidade. É sobre a trajetória desta mulher negra tão rica e cheia de nuances, que falarei no próximo capítulo.

## **Capítulo 2- Entre a fé e o carnaval: a trajetória centenária de Dona Serafina**

Como já foi dito na introdução deste trabalho, minha vida foi atravessada de diversas formas por mulheres fortes, uma criação baseada no exemplo que me deram, de pessoas que lutavam todos os dias para garantir uma vida melhor à sua família. Esse fato fez com que eu me encantasse pela história de vida que trarei nas próximas páginas. Uma mulher admirada por sua família, referência no carnaval e na benzedura.

Eternizada como Serafina, viveu todos os seus mais de 100 anos na cidade de Arroio Grande, dividida entre a zona rural e a cidade. Muito conhecida pela sua força e simplicidade,



ela transitava em vários setores da comunidade arroio-grandense, sempre muito respeitada e admirada como benzedeira, mas também grande referência no tradicional carnaval municipal.

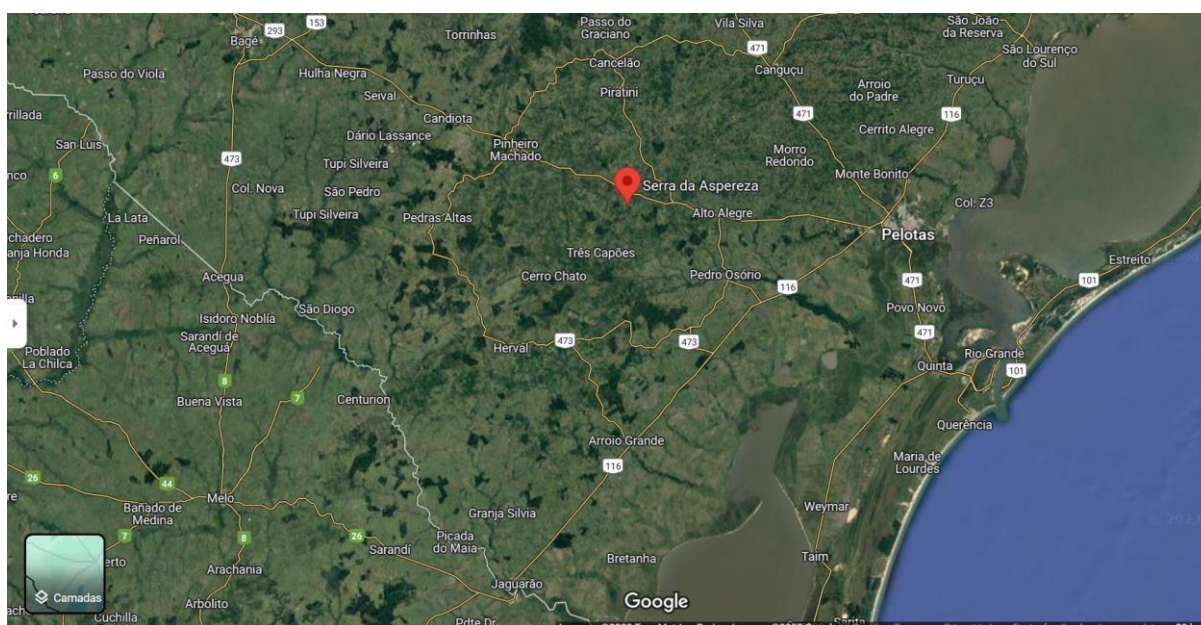
Importante refletir, que transitar entre as diferentes classes em Arroio Grande, não deve ter sido tarefa fácil, pois o racismo operava com força na cidade. Todo o manejo das práticas de Serafina, fora realizado a partir de múltiplos rituais de resistência cotidiana, que inclusive passava despercebido pela população, sendo uma realidade enfrentada por ela e sua família, resistência e estratégias essas que também serão abordadas neste capítulo.

Este capítulo foi escrito através de entrevistas concedidas por duas de suas filhas, Eva Nair Barros da Silva, (69 anos, trabalhadora doméstica) e Santa Geroni Barros (59 anos, professora), mais conhecida como Noni, ambas residentes na cidade de Arroio Grande, que, assim como toda a família, não escondem o orgulho que sentem em serem descendentes de Dona Serafina. Falam com prazer das atividades que a matriarca desenvolveu até o final de sua vida, de suas memórias e do legado que essa mulher deixou ao dedicar seus 104 anos em uma trajetória de muita luta, resistência e benevolência.

## 2.1- “Com trabalho e atitude, na vassoura e na capina/ A raiz da negritude... Eis a negra Serafina!”<sup>21</sup>

Oscarina Souza Barros, popularmente conhecida como Serafina, nasceu no dia 10 de setembro de 1911, na localidade rural da Serra das Asprezas, zona rural de Arroio Grande<sup>22</sup>. Foi na Serra das Asprezas, onde Dona Serafina viveu o início e parte de sua vida, vinda de família negra campesina, depois migrou com sua prole para a zona urbana de Arroio Grande.

**Figura 2: Serra das Asprezas**



(Google Maps. Website: <https://www.google.com/maps>)

<sup>21</sup> Trecho retirado da poesia “*A saga de Serafina*” de Sidney Bretanha, que se encontra completa no final deste trabalho em anexo A, gentilmente cedida à autora para a confecção deste trabalho. Sidney Bretanha é autor e compositor da cidade de Arroio Grande e conviveu por muitos anos com Dona Serafina, pois a mesma trabalhou em sua casa. O autor sempre destaca a força e a beleza de Serafina como fontes inesgotáveis de inspiração.

<sup>22</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho.

**Figura 3: Oscarina Souza Barros – Dona Serafina**



(Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

Molet (2018) faz um estudo sobre o campesinato negro no litoral do Rio Grande do Sul, onde percebemos que muitas famílias negras no pós-abolição buscaram sua liberdade e autonomia na produção agrícola familiar e no campesinato:

[...]Rios e Mattos (2005) apontam que, em meados dos anos 1970, os estudiosos incluíram no eixo central da discussão de pós-emancipação a formação do campesinato negro. As autoras assinalam a historiografia caribenha pós-emancipação como precursora da investigação sobre alguns aspectos que, posteriormente, seriam comuns a vários processos de emancipação, focalizando a ação dos libertos, notadamente a resistência ao trabalho coletivo, a busca pela restituição da vida familiar a partir da remoção de mulheres e de crianças das plantations e a procura de maior controle sobre o tempo e o ritmo de trabalho. Ao introduzir temáticas de cunho antropológico relacionadas à formação do campesinato, como, por exemplo, família, parentesco, produção doméstica, ocupação e transmissão da terra, herança cultural africana, tal historiografia produziu estudos mais enriquecidos e interdisciplinares, influenciando fortemente os estudos posteriores. (MOLET, 2018, p.38)

Interessante refletir sobre as experiências de Oscarina e sua família na Serra, construindo suas lutas na constituição de seus lares e manutenção dos laços parentais. É um ponto de pesquisa que pode render importantes aspectos da trajetória das famílias negras

naquela região.

Ao realizar pesquisa sobre a bibliografia de Arroio Grande, encontrei o livro *14 Personagens, 5 vultos históricos (e outras personalidades e tipos populares) do Arroio Grande* (2018) de Pedro Jaime Bittencourt Junior, onde há uma crônica sobre Dona Serafina. Nele há uma informação, em uma nota de rodapé, de que a data de nascimento da mesma seria de 10 de setembro de 1925:

Como Oscarina Lemos foi registrada de forma extemporânea, exatos 20 anos depois do seu nascimento, em 1945, criou-se a lenda de que Serafina teria omitido parte da idade e que, portanto, teria vivido além dos 100 anos. No registro oficial, porém, consta a data de nascimento de 10.09.1925, conforme Livro A.31, F.194v., Termo 209, do Registro Civil de Arroio Grande, RS

O registro civil extemporâneo era algo comum no Brasil por diversos fatores, entre eles a distância entre a localidade da moradia e o cartório, as condições financeiras, etc., visto que até 1997 o registro civil não era gratuito.<sup>23</sup>

---

<sup>23</sup> Ver mais em: SCOCHI, 2004. 3

Tendo a informação de Bittencourt Jr. (2018), e de que havia estes casos de registros extemporâneos, escolhi aqui trabalhar com a memória e narrativa que é dada pela família de Dona Serafina desde nosso primeiro contato, portanto, trabalharei com a data de nascimento dela de 10 de setembro de 1911.

Filha dos trabalhadores rurais, Alvina Lemos e Otávio Barros, cresceu numa família numerosa dividindo a vida com onze irmãos. Compartilhou sua infância entre ajudar os pais com os trabalhos de casa, da roça e com o cuidado junto aos irmãos. Os relatos são de que estudou até a 5ª série do ensino fundamental, sabendo ler e escrever, inclusive, é afirmado que a leitura era uma de suas paixões. Mesmo com a idade já avançada, ela estava sempre lendo e incentivando a leitura aos seus filhos.

Segundo sua filha Noni, ainda criança, costumava brincar com brinquedos que ela mesma e os irmãos confeccionavam com os materiais que havia disponíveis, como sabugos de milho e bonecas de pano.

Na adolescência, conforme relatado nas entrevistas, sofreu com o falecimento precoce de sua mãe, assunto que, segundo suas filhas, não gostava muito de falar, tendo assim, que ajudar o pai e aos irmãos mais velhos no cuidado com os mais novos e com a casa. Neste sentido, Serafina e seus irmãos cresceram nessa localidade da zona rural de Arroio Grande, muito unidos, com auxílio mútuo, vivendo, principalmente, do que plantavam. Mesmo depois de casada, Serafina ainda continuou um tempo morando na Serra das Asperezas, até ir morar na cidade, em busca de uma vida melhor para seus filhos, pois “na campanha” sua habitação era, segundo Noni, “um rancho” e também não havia luz elétrica.

Ela casou-se com Eloí Machado, também trabalhador rural, e com ele teve oito filhos: Adão Erildo, Deni Tereza (Tereca), Eva Nair (Dadá), Julio Antonio (Tuíca), Zaira Delurdes, Iara, Santa Geroni (Noni) e Maria Eloi (Lá).

Em busca de uma vida melhor para seus filhos e filhas, foi morar na zona urbana de Arroio Grande<sup>24</sup> e começou a trabalhar como empregada doméstica e cozinheira para ajudar nas despesas da casa. Seu marido, ainda trabalhava na zona rural como esquilador<sup>25</sup> e ia para a cidade por temporadas. Noni relatou na entrevista:

[...] E eles se davam muito bem tá? Eu me lembro do meu pai chegar da campanha assim com umas latas cheia de banha, sabe? Ele botava a banha ali e quando eles carneavam as ovelhas, as coisas, ele botava a banha e botava a carne para conservar

---

<sup>24</sup> Suas filhas não souberam localizar a data ou período em que a família foi morar na zona urbana de Arroio Grande, apenas lembraram que os filhos mais velhos de Dona Serafina já eram “criados” e deduzem que ela já não seria mais tão nova.

<sup>25</sup> Eloí Machado era o responsável pela tosa da lã das ovelhas de diversas propriedades. Ele era contratado pelas fazendas para realizar este serviço.

na banha. Então quando o pai chegava de fora era uma festa porque a gente sabia que ia ter muita carne, muita coisa boa que o pai trazia, era banha, era batata doce, era tudo de bom que o pai trazia ali naquele... quando ele vinha das esquila né, que ele passava uma temporada esquilando.<sup>26</sup>

Enquanto mulher, também sofreu com o machismo estrutural em seu casamento. Conforme Noni conta em entrevista, quando o marido de Serafina voltava de seu trabalho para a cidade, costumava frequentar ambientes que a deixavam desconfortável e que não lhe era aceitável. Em um trecho da entrevista fica evidente como, por vezes, Serafina teve que lidar com essas situações:

Então, claro, meu pai chegava de fora, né? De vez em quando ele gostava de andar nessas coisas... assim, nesses lugares né... E a minha mãe ficava muito braba e aí ela ia cuidar ele né? Onde ele ia, ela ia atrás né, pra ver aonde que ele tava indo. Mas às vezes ele saía... saía com os amigos, pessoa assim que vinha da campanha, tá, ficava com ela, mas também gostava de ir pra um “bailizito”, uma coisinha. E a mãe não era muito assim de... de... né? Na época ela não ia muito. E aí ele ia pra esses lugares assim, eu me lembro dela falar que ele ia né. Ela tinha ciúmes dele assim.

Enquanto trabalhava, Serafina não esquecia da educação de seus filhos, levava sempre para casa revistas e jornais que eram doados pelos donos das casas nas quais trabalhava, e assim, incentivava a leitura. Noni conta que, mesmo trabalhando muito e com pouco estudo, a matriarca da família possuía o hábito de ler, e sempre que podia, incentivava os filhos também a lerem e a estudarem.

Outro hábito que mantinha, era o de beber chá, não consumia remédios e raramente ia à médicos, pois tinha uma erva medicinal para cada mal e assim também cuidava dos seus filhos. Noni, inclusive, acredita que este seja o segredo para a vida tão longínqua e saudável de sua mãe, os chás e as ervas medicinais, que ela fazia questão de ensinar aos filhos.

A prática de consumir ervas e chás também podem ser citadas como exemplo de herança da influência africana no Brasil.

Os levantamentos etnomédicos realizados, demonstram a forte influência da herança cultural africana na medicina popular do Brasil, principalmente no norte, nordeste e sudeste do país. A manutenção da herança é, antes de tudo, uma forma de resistência de uma camada mestiça da população. (ALMEIDA, 2003, p.44)

Segundo as entrevistas realizadas, Serafina sofreu com a perda de um de seus filhos e de seu marido, assim como de sua mãe, assuntos que ela não gostava de mencionar e falar com outras pessoas, para não demonstrar sofrimento.

---

<sup>26</sup>Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho.

Como o trabalho era pesado, realizado em mais de uma casa e, geralmente, passava o dia fora, teve que contar com o auxílio dos filhos na arrumação da casa e com a criação dos mais novos. Assim como foi na sua infância e fora ensinada, ensinou seus rebentos.

A vida das mulheres negras no Brasil foi marcada pela violência, desde o período colonial. De acordo com Sueli Carneiro (2003), as relações de gênero seguidas de cor que se deram no período da escravidão, continuaram até os dias de hoje, perpassando a história do Brasil e definindo a ordem social. O “mito da fragilidade feminina” não coube às mulheres negras que precisaram trabalhar nas lavouras ou nas ruas e na contemporaneidade são maioria quando se tratam de trabalhadoras domésticas<sup>27</sup>, que continuam sofrendo com a exploração do seu trabalho, sendo colocadas cada vez mais na informalidade das relações de trabalho.

Por este motivo se tornou importante as estratégias e redes de apoio, tanto com a família, quanto com outras famílias negras da sociedade.

A união com a família é algo muito marcante na vida de Serafina, conforme os relatos de seus familiares. Serafina era muito conectada aos seus irmãos e irmãs, mesmo com a vida corrida e com a distância de alguns, eles sempre conseguiam se encontrar. Nesta prática de organização familiar, que buscava a constituição de redes de apoio, também levou a vida com seus filhos, segundo Noni:

[...] Porque a minha mãe era assim com a gente. Se a gente tinha algum problema, a gente falava com ela, ela ia dar um jeito de resolver. Ela nunca te criticava... Tu errou? mas ela nunca dizia que “ta, tu errou e agora?...” ... Tá, não. A mãe dizia “tá, tá errado, mas tu vai consertar, tu vai fazer a coisa certa”, “tu vai arrumar o erro” né? E ela tava sempre te ajudando, nunca deixava de te ajudar. Teve uma época que eu trabalhava pra fora, eu me acordava muito cedo, 5 da manhã e a minha mãe ia até lá a faixa comigo, me acompanhar, para não deixar eu sozinha. Eu pensava assim “pra que ela vai junto comigo, né?”, cedo, de madrugada. Mas ela... Eu já era velha, já era... velha não, mas já tinha 25, 26 anos, e ela nunca deixava eu ir sozinha, ela sempre me acompanhava para não... sabe? E não era só eu, as outras irmãs também, ela tava sempre correndo assim, um e outro né? O que ela dava para mim ela dá para outra, ela nunca deixava um sem. Isso ela... passou pra gente. [...] <sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Em reportagem do G1, que noticia que somadas, pretas e pardas são maioria em número de trabalhadoras domésticas nos dias atuais. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2023/04/03/numero-de-trabalhadores-domesticos-com-carteira-assinada-completa-tres-anos-seguidos-em-queda.ghtml>. Acesso em: 08/11/2023

<sup>28</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho



**Figura 4: Dona Serafina e parte de sua família**



(Imagem cedida por Santa Geroni Barros)

**Figura 5: Serafina e uma de suas irmãs**



(Imagem cedida por Santa Geroni Barros)

Além da união entre sua família, Dona Serafina também entendia a necessidade da participação ativa na sociedade. Este é um ponto fundamental para entendermos o protagonismo de nossa personagem, que foi a constituição de redes de solidariedade na produção de capital social junto aos coletivos negros de Arroio Grande que veremos a seguir.

Ana Beatriz Loner e Lorena Gill (2015) nos falam sobre a necessidade da população negra de se organizar e formar uma “rede associativa completa”. Sobre as organizações em Pelotas, as autoras nos trazem que:

[...] eles se organizaram em associações mutualistas, profissionais ou étnicas, que avançaram pelas primeiras décadas da República, constituindo uma fonte de amparo para as associações posteriores. Já no período republicano, desenvolveram clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos (chegaram a formar uma federação de futebol) entidades mutualistas, de assistência às crianças e de representação étnica. Entretanto, por volta de 1910, evoluindo mais rapidamente nas duas décadas seguintes, houve uma reorientação das entidades, que abandonaram seu caráter de representação, o mutualismo e objetivos educacionais, para dedicarem-se principalmente as questões de sociabilidade e recreação. A partir de então, a maior parte das associações criadas dedicou-se ao futebol ou ao carnaval [...]. (GILL; LONER, 2006, p. 1)

Ela e sua família participaram inicialmente de um Clube de famílias negras que, segundo Noni, funcionou em um “galpão”. Noni descreve que era nesse lugar onde as famílias negras se reuniam para sociabilizar e festejar entre si, tendo uma das filhas de Dona Serafina sido escolhida como Duquesinha em um ano de carnaval. No trecho da entrevista em que Noni se refere a este Clube, também podemos evidenciar como funcionava o racismo na cidade: “[...]Era tipo um galpão assim, mas era o clube dos negros, vamos dizer assim. E ali ta, ali era pros negros porque na época a gente não podia pular junto com os brancos, era só negro com negro, branco com branco.”<sup>30</sup>

A família também participou ativamente do Clube Guarani, participando de seus eventos e festejos.

---

<sup>29</sup> Não encontrei fontes acerca deste Clube, apenas os relatos das filhas de Dona Serafina. Que descreveram como eram as festas e que, inclusive, sua irmã havia sido Duquesinha em um carnaval.

<sup>30</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

**Figura 6: Serafina em festa no Clube Guarani**



(Imagem cedida por Santa Geroni Barros)

Noni narra ainda que a maioria das famílias negras de Arroio Grande se reconheciam como uma única família, que sua mãe a ensinava a chamar todos os mais velhos de tias e tios, e seus filhos de primos, que, portanto, esse fato teria dificultado uma relação amorosa com outros negros da cidade, pois todos se viam como pertencentes à mesma família.

[...]Todas as famílias negras que nós conhecemos a gente chama de tia. A gente não é parente de sangue, mas a gente chama de tia. Eu mesmo e a minhas irmãs, acho que a gente nunca namorou ninguém se fosse negro assim, que fosse muito próximo da gente, porque a gente já via aquele negro como se fosse irmão, como se fosse primo... Esse relacionamento, não tinha na época, né? Primo com primo... não, a gente tinha muito carinho por aquele primo mas não para namorar, não pra casar, né. A geração mais nova e que foi mudando um pouco, mas na nossa geração não. E tem um monte de tias, que não são nossas tias, mas a gente... a mãe nos ensinavam a chamar de tia e respeitar como se fizesse parte da nossa família né. Os mais velhos, os mais antigos.

Interessante perceber as sutilezas das interações com o racismo e as estratégias das lutas das famílias negras contra essa prática social, que por vezes podia, inclusive, reproduzir estratégias tidas como padrão naquela sociedade racializada.

Quando a família frequentava o Clube Guarani, seguiam as regras do lugar. Como já vimos na introdução deste trabalho, a questão de gênero era algo marcante nas relações dos clubes sociais, onde existia uma postura moral muito mais rígida para mulheres, conforme nos apontou Lopes (2015) em seu estudo sobre a participação feminina no Clube 24 de Agosto.

Noni relata que no Clube Guarani, as meninas só podiam participar das festas depois que realizassem o “debut” para a sociedade, também não podiam sair das dependências da instituição durante as festividades para passear e sempre iam “bem vestidas”:

[...]E aí a gente adquiriu essa coisa assim, da sociedade... um lugar chique, vamos dizer assim... é um lugar chique, né, tanto é que tinha baile de debut, a gente debutava. A gente não ia para o baile antes do debut. Eu mesmo, eu só fui para baile depois que eu fiz 15 anos, eu tinha que esperar meu debut pra ir pra um baile, minhas irmãs também. Aí naquele debut, tu ganhava vestido novo[...]<sup>31</sup>

Já a relação com outras famílias brancas da cidade, além das estabelecidas pela lógica do trabalho, Noni conta que Serafina também foi “ama de leite” e esta tarefa fazia com que ela visse essas crianças como seus filhos também:

Tanto era que ela era ama de leite, né, ela amamentou muitas crianças brancas de Arroio Grande, né. Tinha uns assim, que eu passava por... por as pessoas... Assim, até guri assim né, e ela dizia “olha, aquele lá é teu irmão de leite”, “olha, aquele ali é teu irmão de leite”, né? Nem pensar em olhar pra ele com outros olhos, porque não dá, mesmo que não era parente, não era nada meu (risos)... Mas era meu irmão de leite e era branco, entendesse? A minha mãe, ela... amamentava as crianças né.

---

<sup>31</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

Diva Muniz (2006) problematiza a função social da ama de leite no passado histórico do país, trazendo elementos para refletirmos sobre as permanências de algumas formas de trabalho e representações destas, que continuaram fazendo sentido ao longo do tempo:

Portanto, amas-de-leite enunciam corpos femininos, procriadores, aleitadores e escravizados, reconhecidos por nutrirem não seus próprios filhos, mas os filhos de famílias proprietárias. São corpos de mulheres geralmente africanas ou delas descendentes, no período etário que possibilita a lactação e que, como propriedades que eram, foram nomeados em razão da possibilidade do usufruto do trabalho compulsório em relação a outros corpos –proprietários, locadores, locatários –, na prática do aleitamento classificado pelo saber médico que nascia como “*mercenário*”. (Muniz, 2006, p. 15)

Durante o período da escravidão, o trabalho das mulheres negras estava atrelado ao trabalho doméstico, junto a casa dos senhores, passando pelo cuidado com a casa, a cozinha e o cuidado com os filhos destes. No pós-abolição, a herança da escravização fez com que muitas dessas mulheres continuassem trabalhando em casas de ex-senhores e fez perpetuar muitas práticas da escravidão, o que era mais uma prática do racismo estrutural no país.

Mesmo com o discurso higienista predominante no início do século XX, a estrutura perdurou e a prática das amas-de-leite continuou sendo realizada, porém com uma tensão muito maior para as trabalhadoras pela questão da higienização, sendo colocadas como as responsáveis pela disseminação de doenças, como por exemplo a sífilis, em crianças<sup>32</sup>. Foram questões pelas quais, Dona Serafina, provavelmente, também deve ter passado sendo uma trabalhadora doméstica que fazia esse serviço de ama-de-leite. Situações limites que foram marcando o protagonismo desta mulher negra em Arroio Grande.

Além disso, Noni também conta que no casamento de Serafina, famílias brancas e da elite fizeram um empréstimo de vestido de noiva, até mesmo com um lugar para passar a lua de mel, o que foi colocado por sua filha Noni como exemplo de que naquele período a família já era reconhecida e respeitada na cidade.

Como já dito anteriormente, Serafina foi empregada doméstica desde que veio morar na “cidade” e se manteve assim até idade avançada.

Ela trabalhou em diversas casas em Arroio Grande, fazendo serviços gerais, limpava, lavava, cozinhava, cuidava das crianças, etc. Apesar de ter uma casa fixa na qual realizava seu trabalho, também fazia faxina em outras residências. Talvez, Dona Serafina fosse, o que chamamos hoje de diarista, mas naquele período não havia esse termo. Cabe salientar, que ela também trabalhou durante anos para os mesmos empregadores.

---

<sup>32</sup> Ver mais em: Linhares (2021)

Acredita-se que ela tenha trabalhado até depois dos 80 anos nesta ocupação, fazendo faxina e organizando as casas de várias pessoas de Arroio Grande.

Os relatos da família, dão conta que Serafina gostava de estar entre os seus, cozinhar e festejar. Noni conta que qualquer coisa era motivo para festa:

[...] Não, qualquer coisa já era um motivo de festa né? Ah, então, uns já pegavam uma cerveja, outro já comprava o vinho e já... aquilo ali já virava uma festa, era dela isso aí, né? Ela tava sempre com... nos finais de semana, nos domingos depois quando ela já tava um pouco mais velha, ela reunia todo mundo assim pra... no domingo pra almoçar com ela... ela sempre gostava de fazer uma massa com galinha, que só ela fazia, que ninguém conseguia tirar aquela receita que era difícil de fazer. Não era difícil, mas ficava diferente, não ficava do mesmo jeito né? Ela gostava muito de fazer comida, né as coisas assim de comilança, ela gostava muito de fazer. Sempre que chegava assim, ela tinha alguma coisa pra te oferecer, sempre.<sup>33</sup>

**Figura 7:Festa para Serafina**



(Serafina rodeada por familiares e amigos em sua festa de aniversário de 90 anos – Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

---

<sup>33</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

Pelo o que observamos nas fontes inferidas para pesquisa, Dona Serafina dedicou sua vida a práticas de filantropia e solidariedade, mas principalmente buscou fomentar a estruturação da sua família. Afirmam as filhas, que mesmo com a idade avançada, cuidava de seus filhos e filhas, netos/as e bisnetos/as, com muito zelo e dedicação.

**Figura 8: Serafina e filhas**



(Na imagem temos da esquerda para direita: Noni, Iara, Lá, Eva Nair, Zaira e à frente de azul está a matriarca. Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

Mesmo depois que ficou doente, Serafina continuou realizando seus afazeres. Passava um tempo no hospital, se recuperava um pouco e voltava para casa. Segundo sua filha Noni: “[...]ela foi se apagando, se apagando devagarinho assim. Parando, parando né, de fazer muitas coisas.”<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho



Depois de viver uma vida de intenso trabalho e dedicação à família e à sua comunidade, passar por perdas e dores que ela não gostava de dizer a ninguém, Dona Serafina faleceu no dia 21 de junho de 2016, com 104 anos, no Pronto Socorro de Arroio Grande, ao lado da filha Noni.

Além do trabalho e da família, Dona Serafina também é sempre lembrada pela sociedade arroio-grandense por sua contribuição no carnaval, tendo grande importância para o que hoje é esta festa popular da cidade. Também foi bastante reconhecida na prática da benzedura, sendo conhecida como grande e procurada benzedeira da cidade. É disso que vou tratar daqui para frente neste trabalho.

## **2.2- “- *Abra alas minha gente! - É o bloco da Serafina!*”: A trajetória de Serafina no carnaval de Arroio Grande**

Segundo Quadrado (2015), o carnaval foi introduzido no Brasil a partir do século XVIII. Inicialmente realizado 40 dias antes da páscoa, na rua e com muita bebida, se tornou um dos principais elementos da cultura brasileira, se tornando diverso e popular: “É em meados dos anos de 1920 que surgem no Brasil os blocos, ranchos e cordões, um carnaval de rua mais “abrasileirado” (QUADRADO, 2015, p.23). As escolas de samba surgiram entre os anos de 1920 e 1930, sendo originárias dos blocos e cordões.

Ainda de acordo com Quadrado (2015), o carnaval em Arroio Grande teve início no final do século XIX, não sendo diferente do resto do Brasil, com blocos que originaram as escolas de samba.

Até 1902 - quando foi fundado o Club Instrução e Recreio (atual Clube do Comércio), onde famílias da elite (ou “da sociedade”) se encontravam para bailes de gala e festejos de carnaval - havia na cidade apenas lugares para homens, como a Liga Operária e o Esporte Clube Arroio Grande (Sampaio, 2010), e nenhum lugar para negros, senão a rua – espaço que não é, de forma alguma, menosprezado pelas famílias aqui abordadas, estas, inclusive, afirmam ter sido uma família sócia do Guarani, a criadora da primeira escola de samba da cidade, desdobramento de um bloco carnavalesco de rua, composto por adultos e crianças. (KOSBY, 2014, p.3)

De acordo com Silveira (2017), o carnaval com escolas de samba no município teve início no ano de 1990, com a fundação das primeiras escolas da cidade.

Atualmente o município possui quatro escolas de samba adultas e uma escola de samba mirim, que fazem a festa dos foliões em seis dias de carnaval. Com concurso oficial das escolas de samba adultas, a folia de Arroio Grande já foi considerada um dos melhores carnavais da região sul do Estado.

Nossa protagonista neste trabalho, também foi protagonista no carnaval de Arroio Grande, seja no carnaval de rua ou nos clubes negros da cidade. Afirma Noni, que Serafina preferia ficar nos bastidores, na organização da festa.

Dona Serafina e sua família, durante o carnaval, além de participarem efetivamente deste primeiro Clube de famílias negras de Arroio Grande<sup>35</sup>, que foi citado anteriormente, também tiveram participação no Clube Guarani, participando dos eventos que aconteciam na instituição como festas de carnaval, debuts e as festas semanais. Apesar de Dona Serafina gostar mais de ficar apenas nas organizações das festas, sempre incentivava seus filhos e filhas a participarem efetivamente de todos os eventos.

Mas era no carnaval de rua que Serafina se destacava. Tudo começou com o Bloco da Serafina, que era composto nos desfiles por pessoas mascaradas que saíam às ruas nas noites de carnaval ao som da Banda Farroupilha<sup>36</sup>. Os foliões se concentravam na casa de Dona Serafina e dali, ao som da Banda, seguiam festejando pelas ruas em direção ao centro da cidade.

Porém, de acordo com as entrevistadas, este bloco era voltado para os adultos, pois crianças não podiam sair mascaradas. Ainda, havia outra questão, que era este coletivo desfilar à noite. Foi então que uma das filhas de Serafina, dona Eva Nair (Dadá), e algumas amigas, tiveram a ideia de criar um “bloquinho” para entreter e incluir as crianças. Os responsáveis por esta iniciativa, faziam parte do Bloco da Serafina nas festividades do carnaval. Então, junto com amigas e a organização de Dona Serafina, criaram uma “escolinha de samba mirim” para as crianças das famílias como nos conta Noni:

A mãe, assim ó, ela gostava muito de carnaval, muito. Sempre nos incentivou muito para carnaval e teve uma época que ela fazia aquele bloco de mascarado. Não sei se tu te lembra, tinha um bloco de mascarado que era o bloco da Serafina. Então tá né... Ela sempre gostou de carnaval, de coisa assim... e aí o bloco de mascarado saía dali da casa dela, né? As pessoas se fantasiavam e saíam dali. A banda da Farroupilha, ia tocando no bloco atrás e as pessoas iam pulando né? Tá e ela gostava muito disso aí, depois ela foi... A Dadá começou uma... A escola de samba Mirim né? Que era a... era... era um bloquinho assim de criança, né que a Dadá começou por causa dela também...<sup>37</sup>

---

<sup>35</sup> Clube chamado por Noni de *Instrução*, ao qual seria voltado às famílias negras da cidade e que a família de Serafina participou ativamente.

<sup>36</sup> A banda Farroupilha celebra em 2023 os 90 anos de sua primeira formação. “Foi criada com o objetivo de animar os carnavais de clube e as festividades oficiais do município, atuou com diversas formações, que em sua maioria eram homens negros e continuada por descendentes de seus formadores.” Disponível em: Banda Farroupilha - 90 anos. <[https://m.facebook.com/story.php?story\\_fbid=pfbid0eK2v5kcf4RohrNczoF4aFAd8yXx9vGHLYmc6tXtajNop\\_oNRF3gCsorJYAdXmQuhl&id=100093043260167&mibextid=Nif5oz](https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid0eK2v5kcf4RohrNczoF4aFAd8yXx9vGHLYmc6tXtajNop_oNRF3gCsorJYAdXmQuhl&id=100093043260167&mibextid=Nif5oz)> Acesso em: 13/11/2023

<sup>37</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

Foi esta “escolinha mirim” que originou uma das escolas de samba mais tradicionais de Arroio Grande, a Escola de Samba “Samba no Pé”. Ela foi fundada em 24 de março de 1990<sup>38</sup>, tendo como fundadoras um grupo de mulheres negras, incluindo Dona Serafina, que sempre permaneceu “nos bastidores” da escola, dando base e apoio para os integrantes da escola.

O primeiro tema enredo da “Samba no Pé” foi “Etnias: as três raças”, no Carnaval de 1991, onde consagrou-se campeã. A letra do samba enredo, escolhida por concurso (com Edital aberto no Jornal A Evolução, de 20/10/1990), foi de autoria de Reni Afonso Pires (que permanece como autor dos sambas enredos até os dias de hoje). A “Samba no Pé” é uma das escolas de samba mais populares de Arroio Grande, com grande número de participantes e simpatizantes. Seu último campeonato foi no ano de 2010 com o tema “Lendas do Sul.”<sup>39</sup>

Dona Serafina fez parte incondicionalmente da “Samba no Pé”, auxiliando em todos os setores da escola que fosse preciso, mas preferia ficar apenas na organização, fazendo de tudo um pouco, ajudando a todos, desde a feitura das fantasias até a montagem das alas: “[...]ela só organizava... A mãe só dava as ideias e a coisa fluía assim né. Mas ela não era costureira, ela costurava, se tivesse que costurar, ela costurava, mas ela não era costureira, mas ela sabia fazer as coisas.”<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> Informação retirada do Blog Respirando Carnaval. Disponível em: <https://www.respirandocarnaval.com.br/2011/01/resgatando-historia-da-samba-no-pe.html>. Acesso em: 30/10/2023

<sup>39</sup> Resgatando a História da Samba no Pé: A fundação. Blog Respirando Carnaval, 2011. Disponível em: <https://www.respirandocarnaval.com.br/2011/01/resgatando-historia-da-samba-no-pe.html>. Acesso em: 30/10/2023)

<sup>40</sup>Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

**Figura 9: Escola de Samba “Samba no Pé”**



(E. S. Samba no Pé é grande vencedora. Foto: Fabrício Cruz.

Disponível em: <https://www.jornaltradicao.com.br/arroio-grande/cultura/arroio-grande-e-s-samba-no-pe-e-a-vencedora-do-carnaval/>. Acesso em: 21/11/2023)

Ainda segundo as filhas, Dona Serafina não gostava de se ausentar de Arroio Grande durante o carnaval, sendo assim, depois de viúva, se dedicou à família, aos amigos, ao trabalho e ao carnaval daqui, sem ir para outros municípios.

Assim como ela, suas irmãs, sobrinhas, filhos e filhas também sempre foram apaixonados pelo carnaval que, segundo Noni, é uma “coisa de família”. Mesmo os que foram morar em outra cidade, continuaram essa tradição, tendo familiares envolvidos em blocos, bandas e escolas de samba da folia de Pelotas/RS<sup>41</sup>, fazendo com que houvesse essa ligação entre o carnaval das duas cidades.

O carnaval sempre foi uma paixão para Dona Serafina, e seus descendentes continuaram a história da família tendo essa festa como uma de suas marcas mais latentes. Como exemplo de sua herança, podemos perceber a continuidade da participação da família

---

<sup>41</sup> De acordo com a entrevistada Noni, a família se organiza na banda Dama da Noite e na Escola de Samba “Telles” da cidade de Pelotas/RS.

no carnaval: suas filhas foram rainhas do Clube Guarani, e o Bloco da Serafina passou por uma reformulação, estando ativo até os dias atuais, desfilando na Monteiro<sup>42</sup>, agora não mais de “mascarados”, mas de abadás, sempre referenciando a imagem e memória de sua matriarca. A Escola de Samba “Samba no Pé” é umas das mais tradicionais escolas de samba de Arroio Grande, possuindo 14 títulos até o ano de 2020<sup>43</sup> e continua sua história com muita constância e tendo a maioria dos membros da família de Serafina envolvidos com a Escola.

A história do carnaval de Arroio Grande e da família de Serafina se difundem, tamanha importância deste coletivo para a festa, destacando-se ainda o filho de Serafina, Júlio Antônio (Tuíca), como Rei Momo do Carnaval de Arroio Grande há 25 anos<sup>44</sup>, um dos grandes símbolos dessa festa.

O ano de 2023 foi simbólico para a família, pois além de ter o Tuíca como Rei Momo, a Rainha do Carnaval escolhida foi a representante do Bloco da Serafina. Além disso, em 2024 o tema enredo da Escola de Samba “Samba no Pé” contará a vida do Rei Momo na avenida.

---

<sup>42</sup> Rua principal do centro do município de Arroio Grande que se transforma na “passarela do samba” durante os dias de carnaval.

<sup>43</sup> Ranking das Escolas de Samba de Arroio Grande. Blog Respirando Carnaval. Disponível em: <https://www.respirandocarnaval.com.br/p/ranking-do-brc.html>. Acesso em: 31/10/2023

<sup>44</sup> Informação disponível em: <https://www.jornaltradicao.com.br/arroio-grande/cultura/em-abertura-oficial-do-carnaval-prefeito-ivan-guevara-passa-chave-da-cidade-para-o-rei-momo-tuica/>. Acesso em: 31/10/2023

**Figura 10: A realeza do carnaval em família**



**ISADORA MACHADO ANTÓRIA**  
**Rainha do Carnaval – 2007**  
(18º Baile Municipal de Carnaval)

(Para exemplificar o grande envolvimento da família no carnaval de Arroio Grande, no ano de 2007 a corte do carnaval de Arroio Grande foi composta por, além do Rei Momo Tuíca filho de Dona Serafina, Isadora Machado que é neta de Dona Serafina. Disponível em: <https://www.respirandocarnaval.com.br/p/corte-municipal.html>. Acesso em: 21/11/2023)

### **2.3- “Ela sempre resolvia com alguma benzedura, oração e simpatia (ou apenas um abraço)”: a espiritualidade na vida da mulher que “benzeu a cidade inteira”**

No relato das fontes, Serafina era uma mulher de muita fé e católica, Devota de Nossa Senhora Aparecida, mantinha a rotina religiosa de participar das missas todos os domingos e levar flores para serem ofertadas no altar da Igreja. Nas casas que trabalhava, quando possuíam jardim, ela enfeitava a frente com flores e folhas no feriado de Corpus Christi para que o padre passasse por ali:

Quando passava as procissões, que tinha as procissões, ela... No Corpus Christi ela... Ela pegava as “flor” desse Jardim e enfeitava toda a frente ali da casa da Mana, pra o padre passar. Naquela época não tinha os tapetes que nem tem agora né, cada pessoa enfeitava na frente da sua casa e ela fazia aquele tapete de folhagem, de folhas e coisas pro padre ali.<sup>45</sup>

Fundamentalmente, Dona Serafina ficou muito conhecida na cidade de Arroio Grande por ser uma grande benzedeira.

As práticas e experiência de cura através das crenças religiosas, que aqui vamos chamar de benzeduras, são práticas que se tornaram comuns no Brasil durante o período colonial, misturando elementos dos europeus colonizadores que desembarcaram por aqui, indígenas que utilizavam as ervas como método de cura, e de escravizados vindos do continente africano<sup>46</sup>.

Sobre essas práticas na cidade de Arroio Grande, não encontrei trabalhos bibliográficos realizados anteriormente, apesar de ter conhecimento de ter existido várias benzedoiras na cidade, o que atualmente não se encontra tão facilmente.

Em seu trabalho pesquisando benzedoiras em Jaguarão/RS, Martins (2015) conclui o que podemos aplicar também para Arroio Grande:

Ainda que a medicina tradicional seja procurada, uma ciência em processo contínuo de avanços percebe-se a partir dos registros efetivados junto às benzedoiras que a medicina popular do benzimentos se mantém viva com suas rezas, ervas medicinais e simpatias no cultivo a saúde do corpo e da alma. Em se tratando de uma pequena cidade de fronteira, com uma realidade social diversa, pude acompanhar situações de pessoas que mesmo procurando os grandes centros urbanos com tecnologias voltadas para o estudo e evolução da medicina em busca de tratamento, faziam questão de recorrerem as práticas populares e seculares das benzeções. (MARTINS, 2015, p.60)

A casa da Dona Serafina era o local de costume de atuação desta benzedeira e rezadeira. Sempre atendia quem chegava precisando de benzeduras contra quebranto<sup>47</sup>, mau olhado<sup>48</sup>, mal jeito<sup>49</sup> ou qualquer outro problema: sempre havia uma benzedura. Segundo suas

---

<sup>45</sup>Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

<sup>46</sup> Ver em: WEBER, 1997, p. 247

<sup>47</sup> Segundo Dicionário Online de português, significa: “Estado de doença atribuído pela credence popular ao mau-olhado”. Fica evidente a forma desqualificadora do Dicionário no seu olhar às práticas religiosas e de cura populares, como “credence”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/quebranto/>. Acesso em: 27/11/2023

<sup>48</sup> Segundo Dicionário Online de Português, significa: “Qualidade que se atribui a certas pessoas de transmitirem azar àqueles para quem olham”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mau-olhado/>. Acesso em: 27/11/2023

<sup>49</sup> Segundo Dicionário Online de Português, significa: “Movimento desastroso que provoca algum machucado, dor ou luxação no corpo”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/mau-jeito/>. Acesso em: 27/11/2023

filhas, que sempre a acompanhavam durante as benzeduras, benzia com folhas verdes de plantas, com água, com carvão, com agulha e linha, e para cada prática usava e falava uma reza diferente. Em sua rotina benzia em 3 dias da semana, sempre respeitando o pôr do sol, nunca realizava o benzimento a noite, e nem nos sábados e domingos.

Serafina, aprendeu o ato de benzer com uma vizinha quando ainda era jovem e morava na zona rural da cidade. Seus filhos acreditam que era um dom divino e ela benzeu até o final de sua vida. Noni conta que:

[...] porque era dela né, era uma coisa específica dela e ela já veio com aquele dom da benzedura mesmo né. E aí ela sempre benzia em três dias consecutivos né, menos sábado e domingo que ela não... não benzia. E assim ó, ela não cobrava nada, né... Não, não admitia que pegasse um centavo de ninguém. Se tu quisesse um dia dar um doce para ela, ela até aceitava um doce, né? Porque tu né, se te sentisse bem, vai lá, levar um docinho, uma coisa, uma bolachinha, tudo bem. Mas assim, dinheiro nem pensar.<sup>50</sup>

Podemos aqui entender a palavra dom pelo conceito de Caillé (2002 apud GILL; SILVA, 2012, p. 673): “[...] toda a prestação de serviços ou de bens efetuada sem garantia de retribuição, com o intuito de criar, manter ou reconstituir o vínculo social”.

Marcio Goldman (2012) realiza a problemática de uma dualidade nas religiões de matriz africana, onde ele chega a conclusão que dom e iniciação se complementam, e que podemos aplicar aqui para tentarmos entender então como Dona Serafina teve contato com a benzedura: “Em suma, a relação entre dom e iniciação não é nem da ordem da oposição, nem da redundância, nem da causalidade direta. Se quiséssemos empregar um conceito fora de moda, poderíamos talvez dizer que se trata de uma complementaridade dialética.” ( Goldman, 2012, p.282).

Dona Serafina recebia a todos que precisassem de uma reza ou benzedura em sua própria casa, sempre acompanhada de algum de seus filhos, que segundo eles, não conseguiram aprender o dom de benzer com a mãe. Noni conta que apenas aprendeu sobre as ervas e o conhecimento dos chás que a mãe possuía, mas o ato de benzer apenas uma pessoa aprendeu com ela, e não foi nenhum de seus filhos.

Alguns aspectos se repetem na vida dos benzedores que pude perceber com o estudo da trajetória de Dona Serafina e o estudo das fontes sobre benzeduras que utilizei neste trabalho. Entre eles posso citar o fato do aprendizado ser realizado com

<sup>51</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho



uma pessoa mais velha, sendo familiar ou alguém muito próximo. E também a forma de tratarem o aprendizado da benzedura como um dom divino, que não basta ter alguém para ensinar, é preciso ter esta

graça. Outro elemento é que não há cobrança financeira pela benzedura ou pela cura alcançada, apenas se aceita algum presente.

Apesar de católica praticante, os rituais utilizados por Dona Serafina apresentavam semelhanças a uma ritualidade de matriz africana, como nas promessas aos recém-nascidos, que ela chamava de “Mesa dos Inocentes”. Para os filhos de Dona Serafina, essas semelhanças estão ligadas ao aprendizado com seus antepassados, e segundo eles, provavelmente foi uma prática que Serafina aprendeu com seus avós.

A Mesa dos Inocentes acontecia da seguinte forma: se uma criança nascesse com algum problema de saúde, sua família procurava Dona Serafina, ela fazia a promessa para a Nossa Senhora Aparecida que se a criança se recuperasse, faria a Mesa dos Inocentes juntamente com a família do recém-nascido. A promessa poderia ser a realização da Mesa no primeiro ano de vida da criança ou repetir a Mesa todo ano, até seu sétimo aniversário, dependendo da gravidade do problema de saúde.

Para a Mesa dos Inocentes, Dona Serafina estendia uma toalha branca ao chão e a família da criança levava doces, bolo, refrigerantes, etc. Eram convidadas outras crianças menores de sete anos (da família ou da vizinhança) para participar e todos sentavam ao redor da toalha para que os doces fossem ofertados. Dona Serafina preparava uma canja com frango e batata, e servia também às crianças. Conforme Noni conta:

Mas era uma promessa que sempre funcionava, entendesse? Porque às vezes as crianças estavam muito, muito doente e ela fazia aquela promessa ali diante da Nossa Senhora, né? Prometia que a criança ia ficar boa, se ficasse boa, se sobrevivesse, que a mãe tinha que fazer a mesa de inocentes, a mãe da criança junto com ela, claro né. E aí sempre dava certo assim... nunca aconteceu de ela fazer a promessa e vim a criança a falecer, nunca aconteceu disso.<sup>51</sup>

<sup>51</sup> Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho

**Figura 11: Mesa dos Inocentes**



(Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

**Figura 12:Doces na Mesa dos Inocentes**



(Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

**Figura 13: Dona Serafina e a Mesa dos Inocentes**



(Dona Serafina servindo a canja que ela preparava para a Mesa dos Inocentes – Fotografia cedida por Santa Geroni Barros)

Há registros da tradição da Mesa de Inocentes, com semelhanças à que Dona Serafina preparava, sendo realizada em outras regiões do Brasil, tanto vinculada à religião de Matriz Africana quanto a religião Católica, mas ambas realizadas em comunidades quilombolas.

Santos (2013) traz essa tradição vinculada à religião de Matriz Africana:

Há ainda a “Mesa dos Inocentes” em homenagem aos *Ibejis* (os meninos gêmeos). Trata-se de ritual totalmente voltado às crianças. Oferendas como doces e brinquedos são distribuídos aos menores para que os pedidos de sucesso (saúde, inteligência e outros) sejam alcançados. Há rigor nos preparativos e realização da “mesa”, atentando inclusive para o cardápio servido. Por exemplo, deve ter o número certo de crianças (seis, doze ou vinte e quatro) que devem ser servidas em sentido anti-horário. Mulheres grávidas podem participar e há rigor no cardápio, proibindo-se certas comidas. O ritual pode ser realizado a qualquer tempo e data, principalmente para se obter saúde. (SANTOS, 2013, p.291)

Marques (2019) encontrou essa tradição entre as comunidades quilombolas de Mostardas/RS:

Tem-se o costume da realização de simpatias e ritos supersticiosos para diversos fins e tem ainda, a Mesa de Inocente, que igualmente ao Ensaio, trata-se de um pagamento de promessa realizado após a graça ser atendida. A mesa de inocente é uma prática religiosa que envolve a oferta de doces para 7 crianças de até 7 anos de idade, que na visão católica, são anjos. (MARQUES, 2019, p.57)

Como já dito anteriormente, o fato de Dona Serafina ser católica praticante não a impediu de suceder com os rituais aprendidos com seus antepassados de raízes africanas e fez com que perpetuasse costumes que podem ser equivalentes a rituais em homenagem aos *Ibejis*.

Esse cincretismo é algo comum que podemos perceber entre as benzedeadas dos trabalhos que foram estudados para compor este trabalho e para exemplificar, trago um exemplo de uma benzedeadora de Bagé/RS:

Embora os relatos das entrevistadas não indiquem uma presença de Dona Santa nos terreiros, fica claro que suas práticas de rezas e benzeduras com a incorporação da entidade espiritual do Preto Velho João de Oliveira, constitui uma atuação religiosa híbrida que mescla elementos culturais provenientes do catolicismo, dos rituais indígenas, africanos e do espiritismo. Essa religiosidade se manifesta de forma híbrida também em razão de Dona Santa realizar as práticas de benzedura e rezas concomitantemente com o culto aos santos católicos São Cosme e Damião. (JACINTO, 2015, p. 36)

Os filhos contam que apesar das tentativas de Serafina de lhes passar o ato de benzer, nenhum deles conseguiu aprender, nem mesmo seus netos, apenas uma pessoa aprendeu a benzer com Serafina, a quem Noni se refere por Mara e conta que ela foi criada junto deles, que é “irmã de coração”, por isso, acreditam que esta atividade era realmente um dom divino

de sua mãe, pois aprendera desde criança e com muita facilidade. Porém, a Mesa dos Inocentes é uma tradição que perdurou na família e sua filha Noni ainda a realiza nos dias de hoje.

Para seus filhos, a maior característica de sua mãe era a bondade e a disposição em auxiliar o próximo.

Noni descreve a mãe destacando que o amor ao próximo era seu princípio. Assim era a Serafina segundo suas filhas, mulher forte, acolhedora e caridosa, sempre disposta a ajudar sua comunidade, benzendo ou confortando quem precisasse. Ela perfez a alegria e o otimismo, sempre oposta a tristeza e ao desânimo, sempre dizia “tudo vai dar certo”. Para a filha Noni, “Ela era uma luz enviada por Deus para iluminar o caminho de todos”.

### **3. Considerações finais**

Ao final deste trabalho podemos perceber que a cidade de Arroio Grande, assim como a região que está inserida não ficou de fora dos projetos de liberdade inseridos pela população negra desde a escravidão. Essas pessoas estavam organizadas e em uma rede de comunicação e associativismo que os permitiu realizar projetos, instituir organizações, resistir ao preconceito e a marginalização em que seus corpos eram colocados.

Mesmo que inseridos em uma região em que predominava a economia da pecuária e em que se viam os corpos negros apenas como mão-de-obra, essas pessoas lutaram por cidadania e constituíram redes sociais e famílias.

Atualmente na cidade, podemos perceber o aumento progressivo de ações que buscam reparar a lacuna deixada por anos de uma história elitizada e patriarcal, buscando ações entre a comunidade negra e o poder público, valorizando a cultura e a história de sua gente. Como exemplo, temos nos últimos anos a criação do Conselho Municipal de Promoção da Igualdade Racial (COMPIR) e do UBUNTU – Movimento Negro de Arroio Grande, além de uma maior valorização das religiões de matriz africana. Porém ainda se tem muito a fazer e reparar, afinal

---

<sup>52</sup> BRETANHA, Sidney. *A saga de Serafina*. S.d.

são anos de valorização de homens, brancos e de elite nessa cidade, mas, ao final desta pesquisa e de todo acúmulo bibliográfico que obtive, podemos sim afirmar que Arroio Grande é uma cidade Afro-gaúcha, onde a população negra viveu e vive fazendo parte e construindo protagonismos dentro dessa história.

Dona Serafina é um exemplo desse movimento positivo e de valorização, mesmo que não se visse dentro de um movimento social organizado, ela participava de organizações negras, como no carnaval, e valorizava sua cultura.

Foi mulher negra trabalhadora, benzedeira, influente no carnaval e benevolente nas suas ações onde tinha como fonte principal de energia sua própria família que hoje não deixa sua memória cair no esquecimento.

Ainda muito nova, quando sua mãe veio a falecer e ela teve que auxiliar no cuidado dos irmãos mais novos, experienciou a relação da mulher com o cuidado com a casa e a família. Depois, constituiu sua própria família nesta mesma base, alicerçada no cuidado maternal e no trabalho.

Utilizou de suas relações de trabalho e sociais como estratégias para o melhor viver dela e de sua família. Como trabalhadora doméstica, soube utilizar suas relações com os empregadores até mesmo para auxiliar na educação dela e dos filhos, fato que fica evidente quando sua filha Noni conta que sua mãe trazia livros e revistas das casas que trabalhava, para que a família apreendesse o hábito da leitura. Mas também vemos essa relação sendo moldada no campo social quando a mesma filha conta que para o casamento de Dona Serafina foi emprestado um vestido de uma família branca da cidade.

Nesses detalhes percebemos a luta e estratégias de uma mulher negra para resistir e melhor viver em uma sociedade racista. Além disso, sua proximidade com os Clubes Sociais Negros e a motivação no engajamento de seus filhos nos eventos e entidades, comprovam sua luta e resistência junto com os seus.

No campo do carnaval se destacou pelo protagonismo e liderança em blocos e escolas de samba, primeiramente com o Bloco dos Mascarados, passando pelo Bloco da Serafina, a Escola Mirim, chegando na vitoriosa Escola de Samba “Samba no pé”. Mesmo que preferisse ficar apenas na organização das instituições, nos bastidores, Dona Serafina é, até os dias de hoje, conhecida e reconhecida por ser uma das grandes e primeiras protagonistas do carnaval de Arroio Grande.

Como já mencionado no segundo capítulo, a história da família de Dona Serafina e do carnaval de Arroio Grande se confundem e seu legado pode ser percebido até os dias atuais

quando vemos membros de sua prole atuando e tendo fundamental importância no carnaval da cidade. Inclusive, esta atuação ocorre nas outras escolas de samba, não apenas da Samba no Pé, para além de Arroio Grande. Membros de sua família já compuseram as cortes do carnaval, como rainhas, e seu filho Tuíca como o Rei Momo há 23 anos. Há um trecho expressivo da poesia de Bretanha (s.d), que define Dona Serafina como “[...] a grande dona da festa [...]”.

Já no campo da benzedura, Serafina também ficou conhecida por sua benevolência, sua filha Noni conta que não havia pessoa que chegasse em sua casa e que não fosse acalentada pela mãe. Além de benzer também realizava rituais em forma de promessas para Nossa Senhora Aparecida, a chamada Mesa dos Inocentes, em que ela pedia a proteção de Nossa Senhora para a criança adoentada.

Apesar de mulher católica, realizava essas práticas que aprendeu, provavelmente, com os avós e que muito se assemelha às práticas de religiões de matriz africana, demonstrando que o ensinamento de seus ancestrais foi de grande valia e ainda hoje são realizados por suas filhas.

Mulher independente, simples e humilde, talvez esse sejam os adjetivos que virão a cabeça para as pessoas que se perguntem “quem foi Dona Serafina?”. A filha Noni conta com orgulho de sua simplicidade e altruísmo:

Acredito que aqui em Arroio Grande muita gente conheceu a nossa mãe, ela era muito popular, uma mulher humilde que não media esforços para ajudar quem dela precisava, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra de conforto para motivar quem estava passando por alguma dificuldade.<sup>53</sup>

Quando iniciei este trabalho, talvez não fizesse ideia do que Dona Serafina representava para a cidade e principalmente, para sua família. Só tinha a percepção de que era uma mulher muito forte e batalhadora.

Chego ao final dele ainda mais admirada por sua história de vida, sua independência e suas estratégias para viver, sobreviver, educar e resistir. Mas principalmente pelo legado deixado junto a sua família que faz questão de contar e exaltar com orgulho sua história e seus feitos. Espero que este trabalho seja uma pequena contribuição com a história da população negra de Arroio Grande e que este campo possa crescer cada vez mais.

Encerro com a frase que Dona Serafina sempre usava para se despedir: “vai com Deus e com a Nossa Senhora!”

---

<sup>53</sup>Entrevista com Santa Geroni, filha de Serafina, realizada em 18/10/2023 na cidade de Arroio Grande, apêndice B deste trabalho



## Referências

AL-ALAM, Caiuá Cardoso; OLIVEIRA, Fernanda. **A comunidade negra na fronteira entre Brasil e Uruguai: uma análise sobre o Pós-Abolição por meio dos Clubes Negros de Jaguarão e Melo em meados do século XX**. História Unisinos, v. 25, n. 3, 2021.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. Editora FGV, 2018.

ALMEIDA, Mara Zélia de. **Plantas Medicinais** (2011, p. 44). SciELO - EDUFBA. Edição do Kindle.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.

BARROS, Santa Geroni. **Entrevista II**. [out. 2023]. Entrevista cedida a: Bruna Teles Mena Serpa. Arroio Grande, RS, 2023

BERUTE, Gabriel Santos. **Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro do Rio Grande de São Pedro do Sul, c. 1790-c. 1825**. 2006.

BITTENCOURT JR, Pedro Jaime (Org.). **14 Personagens e 5 Vultos Históricos (e outras personalidades e tipos populares) do Arroio Grande**. Arroio Grande/RS: Prefeitura Municipal de Arroio Grande / Gráfica Palloti, 2018.

Blog Respirando Carnaval. **Resgatando a História da Samba no Pé**. <https://www.respirandocarnaval.com.br/2011/01/resgatando-historia-da-samba-no-pe.html>. Acesso em 30/10/2023

BOM, Matheus Batalha. **Liberdades racializadas: gênero, trabalho e crime na fronteira meridional (Jaguarão, 1870-1905)**. 2022.

CAETANO, Claudenir Bunilha. **Educação do campo - ideias em construção**. 2010.

CARATTI, Jônatas Marques. **O solo da liberdade: as trajetórias da preta Faustina e do pardo Anacleto pela fronteira rio-grandense em tempos do processo abolicionista uruguaio (1842-1862)**. 2010.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

CORRÊA, Maristela. **Entrevista Prof. Maristela Corrêa**. [jul. 2021]. Entrevista cedida a: Grupo de Estudos sobre Escravidão e Pós-Abolição (GEESPA). 2021

CORRÊA, Maristela. Revista **Memórias e Lembranças da Vó Vigica**. Ano 1. 2023  
Da Silva, Eva Nair Barros. **Entrevista I**. [jan. 2023]. Entrevista cedida a: Bruna Teles Mena Serpa. Arroio Grande, RS, 2023

FIGUEIREDO, Victor Luiz Soares. **“De principios austeros [...] foi elle sempre garantia segura da fiel execução da lei, mesmo nas epocas tormentosas das eleições”**: A trajetória do Capitão Rogerio José de Freitas (segunda metade do século XIX), 2019

FREITAS, Beatriz Silveira. **Arquitetando um roteiro patrimonial no Centro Histórico de Arroio Grande-RS: a terra de Barão de Mauá**. Universidade Federal do Pampa, 2019.

GILL, Lorena Almeida; DA SILVA, Eduarda Borges. **O cuidado com os outros: a benzedura no sul do Brasil**. Tempos Históricos, v. 23, n. 1, p. 663-689, 2019.

GILL, Lorena Almeida; LONER, Beatriz Ana. **Mulher, Carnaval e etnia negra em Pelotas: muito além do samba**. 2006.

GOLDMAN, Marcio. **O dom e a iniciação revisitados: o dado e o feito em religiões de matriz africana no Brasil**. Mana, v. 18, p. 269-288, 2012.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244

GUTFREIND, Ieda. **A historiografia rio-grandense**. Editora Da Universidade Federal Do Sul, 1992.

HOFFMANN-HOROCHOVSKI, Marisete T. **Benzeduras, garrafadas e costuras: considerações sobre a prática da benzeção**. Guaju, v. 1, n. 2, p. 110-126, 2015.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Recenseamento do Brazil em 1872**. Disponível em: [https://www.google.com/url?q=https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477\\_v1\\_1\\_rs.pdf&sa=D&source=docs&ust=1700485167860752&usg=AOvVaw1u6QGVdcwkvjwBlq7JSbyJ](https://www.google.com/url?q=https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv25477_v1_1_rs.pdf&sa=D&source=docs&ust=1700485167860752&usg=AOvVaw1u6QGVdcwkvjwBlq7JSbyJ). Acesso em: 20/11/2023

JACINTO, Luis César Rodrigues. **Saberes e fazeres de dona Santa: a vida comunitária de uma mulher negra benzedeira na Região da Campanha Gaúcha (RS)**. 2015

JUNIOR, Pedro Jaime Bittencourt. **O “Clássico”**: uma história de paixão. 2011

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. Orfeu Negro, 2019.

KOSBY, Marília Floôr. " **Em Arroio Grande os pretos são tudo parente**": parentesco, racialidade e gênero a partir da etnografia de um clube social negro no extremo sul do Brasil. In: XI Congreso Argentino de Antropología Social. 2014.

KOSBY, Marília Floôr. **Clube Guarani: uma narrativa etnográfica das vivências de um clube negro no extremo sul do Brasil**. Encuentros Latinoamericanos (segunda época), v. 3, n. 2, p. 247-266, 2019.

LINHARES, Juliana Magalhães. **Lavadeiras, cozinheiras e amas de leite. O cotidiano das trabalhadoras domésticas em Fortaleza (1920-1940)**. 2021

LOPES, Taiane Naressi. **Protagonismo feminino entre regras e padrões: uma história das mulheres negras do Clube Social 24 de Agosto**. 2015

LUNELLI, Florêncio Francisco. **Padre Thomé: um vigário da campanha**. 1996

MAESTRI, Mário. **PAMPA NEGRO. Agitações, Insubordinações e Conspirações Servis no Rio Grande do Sul 1863-1868**. CONTRA| RELATOS desde el Sur, n. 8, p. 161-184, 2011.

MARQUES, Gabriela Pôrto. **O cuidar feminino: saberes e fazeres tradicionais de benzedoiras quilombolas de Mostardas-RS**. 2019.

MARTINS, Zilma. **O cotidiano e as práticas de cura de mulheres benzedoiras na cidade de Jaguarão no século XXI**. 2015

MESSON, Eduardo Henrique Paias. **Imprensa escrita: Arroio Grande, 87 anos de imprensa**. 1983

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais: estratégias de manutenção de um campesinato negro no Litoral Negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente)**. 2018.

PEREIRA, Amílcar Araújo. **"O mundo negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil (1970-1995)**. 2010.

QUADRADO, Beatriz Floor. **"A LULUZINHA" E "AS VENENOSAS": A REBELDIA DO SER MULHER EM BLOCOS À FANTASIA (ARROIO GRANDE, RS)**. Emblemas, v. 12, n. 2, 2015

QUADRADO, Beatriz Floôr. **"Era meu sonho ser Miss Mulata": A representação da mulher negra e mulata em um concurso de beleza 1969-1999 (Arroio Grande, RS)**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

QUADRADO, Beatriz Floôr. **Clube Guarani (1920-2006): história da festa e cultura negra em Arroio Grande, RS**. Os Clubes Sociais Negros no Estado do Rio Grande do Sul, p. 107.

QUADRADO, Beatriz Floor. **Clube Guarani (1920-2006): tempos de luta contra o preconceito racial em Arroio Grande**. Cadernos Clio, Curitiba, v.3, p.93-116, 2012.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIOS, Ana Lugão e MATTOS, Hebe Maria. **Memórias do Cativo: família, trabalho e cidadania no pós-abolição**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005

RIOS, Ana Maria; MATTOS, Hebe Maria. **O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 5, p. 170-198, 2004.

SANTOS, Maria Walburga dos. **Festas quilombolas: Entre a tradição e o sagrado, matizes**

**da ancestralidade africana.** Revista HISTEDBR On-line, v. 13, n. 50, p. 286-300, 2013.

SCHRODER, Victor Faria; BORGES, Rozele Nunes; VIEIRA, Sidney. **Formação territorial e urbana de arroio grande (RS).**

SCOTT, Joan Wallach; LOURO, Guacira Lopes; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica de Joan Scott.** Educação & realidade. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2 (jul./dez. 1995), p. 71-99, 1995

SILVA, Ana Paula Melo da. **Na Encruzilhada Das Práticas E Memórias Negras: Benzedura E Ancestralidade No Município De Pelotas-RS.** 2019.

SILVA, Fernanda Oliveira da. **As lutas políticas nos clubes negros: culturas negras, racialização e cidadania na fronteira Brasil-Uruguai no pós-abolição (1870-1960).** 2017.

SILVA, Tiago Rosa da. **Uma fronteira negra: resistência escrava através das fugas anunciadas nos jornais jaguarenses (1855-1873).** 2015

SILVA, Tiago Rosa da. **Vivências e experiências associativas negras em Bagé-RS no pós-abolição: imprensa, carnaval e clubes sociais negros na fronteira sul do Brasil (1913-1980).** 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pelotas.

SILVEIRA, Gian Moraes. **As plumas e os camafeus formam o arco-íris que brilha na Cidade Simpatia: o protagonismo gay no carnaval de Arroio Grande nos anos 1990.** 2017

**Site Prefeitura Municipal de Arroio Grande.** <https://www.arroiogrande.rs.gov.br/>. Acesso em: 25 de setembro de 2023

WEBER, Beatriz Teixeira. **As artes de curar: medicina, religião, magia e positivismo na República Rio-Grandense-1889/1928.** 1997. Tese de Doutorado. [sn]

## Apêndices

### A- Entrevista I

#### Entrevista realizada com as filhas de Dona Serafina realizada no início de 2023<sup>54</sup>:

- 1) Nome completo da Dona Serafina:
- 2) Qual a data de nascimento e onde ela nasceu?
- 3) Quem eram seus pais? Nomes e lugares de nascimento destes.
- 4) Qual era a profissão do pai e da mãe?
- 5) Quantos filhos teve Dona Serafina? Seus nomes, por favor.
- 6) Qual a data e o motivo do falecimento dela?
- 7) Como foi a infância de Serafina? Onde morava? Morava com os pais? Como foi sua juventude? Estudava? Onde estudava?
- 8) Como era sua família? Onde viveram?
- 9) Na juventude já tinha envolvimento com o carnaval? Se sim, em qual instituição? Onde frequentava? Carnaval de rua ou dentro de clubes?
- 10) Qual era seu lazer?
- 11) Qual era sua ocupação? Quando começou a trabalhar? Onde?
- 12) Com que idade se descobriu uma benzedeira?
- 13) Como foi seu aprendizado de benzedeira, com quem aprendeu? Quem foi madrinha ou padrinho na benzedura?
- 14) Como funcionava a relação de cura através da benzedura? Onde ela benzia? Que rituais utilizava?
- 15) Era adepta e frequentadora de alguma religião?
- 16) Existia algum preconceito por essa relação dela com sua prática religiosa?
- 17) Ela era adepta às religiões de matriz africana? E quais? Onde frequentava?

---

<sup>54</sup> Este foi o primeiro contato realizado por mim junto à família de Dona Serafina para a realização de um trabalho sobre a trajetória de vida dela. Foi durante a disciplina de Estágio Supervisionado III, onde surgiu a ideia de construir um livreto sobre a vida de Dona Serafina, juntamente com a equipe do Museu Municipal Visconde de Mauá, onde estava sendo feito o Estágio. Por conta da proximidade com o carnaval, toda a família estava envolvida em alguma atividade e não conseguiriam parar para me conceder a entrevista, portanto, a solução encontrada para conseguir informações e cumprir o prazo de entrega do material para o Estágio foi a de entregar as perguntas para a Dona Eva Nair, para que ela, juntamente com os irmãos, conseguisse responder no final de semana. As perguntas foram entregues no dia 27 de janeiro de 2023 no barracão de fantasias da Escola de Samba “Samba no Pé” e entregues a mim, no mesmo local, em forma de um texto que os filhos construíram no dia 01 de fevereiro de 2023.

- 18) Como foi seu envolvimento com o carnaval de Arroio Grande?
- 19) Além da Samba no Pé, qual outra instituição do carnaval ela participou?
- 20) Ela tinha também interlocução com famílias negras de outras cidades? Tanto a partir da benzedura quanto do carnaval?
- 21) Era uma frequentadora do Clube Guarani? Se sim, como era sua relação para com o mesmo?
- 22) Como era sua relação com a comunidade Arroio Grandense em geral? Como eram suas relações de amizade?
- 23) Como ela lidava em relação ao preconceito racial? (Se contava histórias, se mencionava isso em conversas

Resposta:

Oscarina Souza Barros (Serafina) nasceu no dia 10/09/1911 (na Serra). Filha de Alvina Lemos e Otávio Barros, ambos trabalhadores rurais.

Teve 8 filhos, Adão Erildo, Teni Tereza, Eva Nair, Julio Antonio, Zaira Delurdes, Iara, Santa Geroni, Maria Eloi.

Faleceu no dia 21/06/2016 por causas naturais, viveu mais de 100 anos.

Como teve pouca infância, morava na campanha e brincava com o que tinha na zona rural, como por exemplo, fazia bonecas de pano e até com sabugos de milho.

Muito jovem veio morar na cidade para trabalhar como empregada doméstica, visto que perdeu sua mãe muito cedo ainda criança e teve que ajudar a cuidar seus irmãos e irmãs ainda menores que ela. Estudou na campanha até o 5º ano, aprendeu a ler e escrevia corretamente.

Aprendeu benzer muito nova quando ainda morava na campanha, sempre dizia que era um dom de Deus, ela era muito católica.

Aprendeu as benzeduras com uma vizinha que também morava na campanha (zona rural).

Costumava benzer as pessoas na nossa casa, quando alguém chegava precisando de uma benzedura como, quebranto, mal olhado, mal jeito, em fim ela tinha sempre uma benzedura para qualquer problema, benzia com folhinhas verdes de plantas, com água, as vezes com carvão, com agulha e linha, para cada benzedura usava e falava uma reza diferente. Benzia durante 3 dias da semana sempre antes do sol se pôr, nunca benzia a noite, nem nos sábados e domingos. Ela era muito religiosa, ia nas missas com muita fé e frequentava a Igreja todos domingos. Sempre levava flores para colocar no altar da Igreja.

Gostava de enfeitar com flores a rua para o padre passar durante as procissões.

Não enfrentava preconceito religioso visto que, era muito católica e benzia porque tinha um dom de benzer.

Ela era devota da Nossa Senhora Aparecida e dos demais santos da igreja católica. Apesar de fazer promessas para crianças quando nasciam muito doentes e esses rituais tinha semelhanças com rituais das religiões de matriz africana, ela não era praticante. Acredito que aprendeu com seus antepassados.

Sempre gostou de carnaval, estava sempre envolvida no Clube Guarani e também com blocos burlescos e escolinha mirim. Depois de um tempo se tornou Samba no Pé.

Ela tinha irmãs que moravam em Pelotas e uma que morava no Rio de Janeiro (todas já falecidas). Hoje temos contato com nossos primos(as) que costumam vir passar o carnaval aqui, porque também são envolvidos com Escola de Samba e blocos carnavalescos em Pelotas...

Acredito que aqui em Arroio Grande muita gente conheceu a nossa mãe, ela era muito popular, uma mulher humilde que não media esforços para ajudar quem dela precisava, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra de conforto para motivar quem estava passando por alguma dificuldade.

Poucas vezes ouvi minha mãe falar sobre preconceito racial, porque na época em que ela era jovem e frequentava o Clube Guarani para ela era um lugar onde os negros se reuniam para dançar, brincar e fazer festa, na verdade ali era a casa dos negros, então todos se sentiam acolhidos, pois estavam juntos em um lugar que era só deles. Por isso poucas vezes ou melhor dizendo, não ouvia minha mãe reclamando de racismo ou se sentindo excluída por algum branco da época.

Figura 14, 15, 16, 17, 18 e 19: Imagens da entrevista I

QUESTIONÁRIO  
DONA SERAFINA

- 1) Nome completo da Dona Serafina:
- 2) Qual a data de nascimento e onde ela nasceu?
- 3) Quem eram seus pais? Nomes e lugares de nascimento destes.
- 4) Qual era a profissão do pai e da mãe?
- 5) Quantos filhos teve Dona Serafina? Seus nomes, por favor.
- 6) Qual a data e o motivo do falecimento dela?
- 7) Como foi a infância de Serafina? Onde morava? Morava com os pais? Como foi sua juventude? Estudava? Onde estudava?
- 8) Como era sua família? Onde viveram?
- 9) Na juventude já tinha envolvimento com o carnaval? Se sim, em qual instituição? Onde frequentava? Carnaval de rua ou dentro de clubes?
- 10) Qual era seu lazer?
- 11) Qual era sua ocupação? Quando começou a trabalhar? Onde?
- 12) Com que idade se descobriu uma benzedeira?
- 13) Como foi seu aprendizado de benzedeira, com quem aprendeu? Quem foi madrinha ou padrinho na benzedura?
- 14) Como funcionava a relação de cura através da benzedura? Onde ela benzia? Que rituais utilizava?
- 15) Era adepta e frequentadora de alguma religião?
- 16) Existia algum preconceito por essa relação dela com sua prática religiosa?
- 17) Ela era adepta às religiões de matriz africana? E quais? Onde frequentava?
- 18) Como foi seu envolvimento com o carnaval de Arroio Grande?
- 19) Além da Samba no Pé, qual outra instituição do carnaval ela participou?
- 20) Ela tinha também interlocução com famílias negras de outras cidades? Tanto a partir da benzedura quanto do carnaval?
- 21) Era uma frequentadora do Clube Guarani? Se sim, como era sua relação para com mesmo?
- 22) Como era sua relação com a comunidade Arroio Grandense em geral? Como eram suas relações de amizade?
- 23) Como ela lidava em relação ao preconceito racial? (Se contava histórias, se mencionava isso em conversas)

(Entrevista I – Parte 1)



Osarina Souza Barros (Serafina)  
Nasceu no dia 10/09/1911 (na Serra)  
Filha de Alvina Lemos e Otávio  
Barros, ambos trabalhadores rurais.  
Teve 8 Filhos, Adão Eraldo, Teni  
Tereza, Eva Nair, Julio Antonio,  
Zaira Delurdes, Iara, Santa Gerani,  
Maria Eloi.

Faleceu no dia  
por causas naturais, viveu mais  
de 100 anos.

Como teve pouca infância, mora-  
va na campanha e brincava com  
o que tinha na zona rural, como  
por exemplo fazia bonecas de pano  
e até com sabugos de milho.

Muito jovem veio morar na ci-  
dade para trabalhar como empre-  
gada doméstica, visto que perdeu  
sua mãe muito cedo ainda crian-  
ça e teve que ajudar a cuidar  
seus irmãos e irmãs ainda menores  
que ela. Estudou na Campanha  
até o 5º ano, aprendeu a ler e  
escrevia corretamente.

Aprendeu benzer muito nova quando ainda morava na Campanha, sempre dizia que era um dom de Deus, ela era muito Católica.

Aprendeu as benzeduras com uma vizinha que também morava na Campanha (Zona rural)

Costumava benzer as pessoas na nossa casa, quando alguém chegava precisando de uma benzedura como, quebranto, mal olhado, mal jeito, em fim ela tinha sempre uma benzedura para qualquer problema, benzia com folhinhas verdes de plantas, com água, as vezes com carvão, com agulha e linha, para cada benzedura usava e falava uma reza diferente. Benzia durante 3 dias da semana sempre antes do sol se por, nunca benzia a noite, nem nos sábados e domingos. Ela era muito religiosa ia nas missas com muita fé e frequentava a Igreja todos domingos. Sempre levava flores para colocar no altar da Igreja.

Gostava de enfeitar com flores a rua para o Padre passar durante as procissões.

Não enfrentava preconceito religioso visto que, era muito Católica e benzia porque tinha um dom de benzer.

Ela era devota da nossa Senhora Aparecida e dos demais santos da igreja católica. Apesar de fazer promessas para crianças quando nasciam muito doentes, e esses rituais tinham semelhanças com rituais das religiões de matriz Africana ela não era praticante. Acredito que aprendeu com seus antepassados.

Sempre gostou de Carnaval, estava sempre envolvida no Clube Guarani, e também com Blocos Burlescos e Escolinha Mirim. Depois de um tempo se tornou Samba no Pê.

Ela tinha irmãs que moravam em Pelotas, e uma que morava no Rio de Janeiro (todas já falecidas) Hoje temos contato com nossas primos(as) que costumam vir passar o Carnaval aqui, por que também são envolvidas com Escola de Samba e Blocos Carnavalescos em Pelotas.

Acredito que aqui em Arroio Grande muita gente conheceu a nossa mãe, ela era muito popular, uma mulher humilde que não media esforços para ajudar quem dela precisava, sempre com um sorriso no rosto e uma palavra de conforto para motivar quem estava passando por alguma dificuldade.

Poucas <sup>vezes</sup> ouvi minha mãe falar sobre preconceito racial, porque na época em que ela era jovem e frequentava o Clube Guarani para ela era um lugar onde os negros se reuniam para dançar, brincar e fazer

CRISTALMASTER  
FUNDACÃO EDUCACIONAL DE SÃO PAULO

Festa, na verdade ali era a casa dos negros, então todos se sentiam acolhidos, pois estavam juntos em um lugar que era só deles. Por isso poucas vezes ou melhor dizendo, não ouvia minha mãe reclamando de racismo ou se sentindo excluída por algum branco da época.

(Entrevista I – Parte 6)

## **B- Entrevista II**

### **Entrevista com Santa Geroni, filha de Dona Serafina, no dia 18 de outubro de 2023:**

Entrevista com a senhora Santa Geroni Barros, conhecida como Noni, filha de Dona Serafina. No dia 18 de outubro de 2023, as 15:30h, que ocorreu em sua residência, na rua Baltazar Chagas nº 623 e teve sua permissão para que fosse gravada e divulgada para fins de pesquisa, educação e cultura a mim, Bruna Teles Mena Serpa, estudante do curso História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), campus Jaguarão.

Este é um segundo contato com a família, anteriormente, no início do ano de 2023 eu já havia pedido que me respondessem um questionário para a confecção de um livreto durante a disciplina de Estágio Supervisionado III, por isso, nesta entrevista, algumas vezes, a entrevistadora e entrevistada dizem que já haviam tido tal informação.

#### LEGENDAS:

N: Noni (Santa Geroni)

E: Entrevistadora

#### TRANSCRIÇÃO:

E: Só para a gente deixar registrado, tu aceitas que eu grave e registre a entrevista?

N: Sim, com certeza.

E: Tá. Tu já tinhas falado que datas...

N: Eu não vou saber te dizer de cabeça.

E: Eu já tenho do outro questionário. Tá, então eu tô aqui com a Noni que é filha da Dona Serafina. Tu sabes me dizer onde que ela nasceu?

N: Ela nasceu na serra das Asperezas, agora data certa do nascimento, só lá olhando no registro.

e: E é zona rural?

N: É, é zona rural. é na serra das asperezas, é quem vai pra Herval ali, aquela zona por ali mais ou menos.

e: Ela era filha de quem?

N: Como era o nome da... Alvina Barros... ai e meu avô... meu vô, vou ter que olhar o nome porque não consigo me lembrar... Otávio... Eu posso ir lá pegar o... O livrinho?

e: Podes... (*risos*)

N: Porque se não, não vou conseguir me lembrar.

*Noni sai da sala para pegar o livreto que foi lançado sobre a trajetória de vida de Dona Serafina, escrito por mim em parceria com o Museu Municipal Visconde de Mauá e volta.*

N: É que eu não conheci meus avós né, eles já eram falec... a minha vó, ela morreu quando a minha mãe era, praticamente assim, adolescente eu acho, ela era muito nova...

Quando a minha avó morreu, então eu também não, não conheci nem a minha avó materna nem meu vô, não conheci eles.

E: Ele também não?

N: Ele também não. Os dois já eram falecidos né.

E: Mas ela chegou a ser criada por eles ou foi para outra pessoa?

N: Não até uma certa idade, acho que até os 13, 14 anos ela... a minha avó que criou ela né, ai depois elas foram criando assim ó... uma irmã né, uma das mais velhas ia cuidando as mais novas né, ela foram praticamente cuidado umas das outras né, naquela época era normal né porque não tinha mãe, não tinha o avô.

E: Eram muitos... irmãos?

N: Ah eram, eram uns quantos.

E: Não sabes quantos, mais ou menos?

N: Ah mais ou menos uns 11, eu acho, 11 irmãos, a mãe tinha. É que agora tão todos eles falecidos né.

E: Ela não tem mais nenhum?

N: Vivo não tem mais, todos eles faleceram. E aí assim as irmãs, umas foram morar em Pelotas né, casaram, tiveram filhos todos. Têm duas que foram morar em Pelotas, que é a tia Eugênia e a tia Santa, foram morar em Pelotas e casaram lá, fizeram família e tudo, né? Construíram famílias lá. Tem uma que foi para o Rio de Janeiro, né? A finada da tia Alvorinda também, que ela foi numa embarcação e ficou muitos anos sem vir aqui, a gente não conhecia ela. A mãe falava dela, mas nós não conhecíamos ela e quando ela voltou pra visitar a família ela já tinha um filho de 18 anos, né? Foi quando ela voltou pra... pra assim,

pra que a gente pudesse conhecê-los né. Era só ela e o filho, não tinha mais ninguém assim. Essa era uma tia bem distante que a gente tinha.

E os outros tios ficaram, uns trabalhando na zona rural, outros vieram para cá pra Arroio grande, né?

E: Tu chegou a conhecer todos?

N: Todos. Eu conheci todos assim, só a que a gente não conhecia mesmo era a tia Alvorinda, porque ela vivia no Rio de Janeiro, né? Tinha... Naquela época era mais difícil, era só por carta né pra se comunicar. Então assim, ela demorou muitos anos, já não sei se foi mais de 20 anos pra ela vim... pra se comunicar... pra gente conhecer né, ela né.

E: Os pais dela trabalhava de que?

N: Os pais da minha avó? da minha mãe?

E: Da dona Serafina.

N: Eles eram Trabalhadores Rurais, moravam na zona rural e trabalhavam na zona rural.

E: E aí os filhos trabalhavam com eles também?

N: Sim, trabalhavam com eles.

E: Tu sabes como é que foi a infância dela?

N: Olha...

E: Foi trabalhando?

N: É, mas ela trabalhava, mas ela eu acho que ela também brincava assim que nem qualquer criança zona rural, trabalhar e brincar normal né. Brincava assim com coisas que tinham na época, os brinquedos da época né.

E: Ela falava bastante dos Pais assim... Da infância na zona rural?

N: É, não ela não falava muito eu acho, porque talvez por ela ter perdido a mãe muito cedo, ela não falava muito assim da mãe e do pai, eu não me lembro assim de ouvir ela falando da mãe e do pai. Eu me lembro dela... ouvi falando dela mesmo, quando ela morou na zona rural, que teve uma época assim que ela morava na zona rural que ela ia... as vezes não tinha as coisas ela ia para casa da outra minha tia que também morava na zona rural. E aí elas se ajudavam, né? Porque geralmente eles plantavam milho, abóbora, batata doce... essas coisas que tem na zona rural. E aí quando a mãe ia na zona rural... na casa da minha tia, né? Ela sempre trazia bastante coisas, e carnes e... banhas e... milhos e... batata doce e abóbora, essas coisas que a tia Tataia também dava pra ela, elas se dividiam assim, moravam tudo meio que perto assim né... quilômetros...

e: E adolescência dela foi... aí foi quando ela veio para a cidade?



n: Olha... a adolescência dela, eu acho que ela ainda morava na zona rural... porque quando ela se casou, que tinha meus irmãos mais velhos eles moravam na zona rural, então assim ó... na adolescência. Ela já ela já... ainda... já morava lá na zona rural, depois quando ela ficou mais velha, talvez, que ela veio para cidade. Mas quando ela era nova, assim que casou nova, ela ficou morando na zona rural. Porque a minha Dadá, o meu irmão Adão que também já é falecido, era um dos mais velhos... O Tuíca... eles contam da... da vivência deles lá na zona rural.

E: Ah, então quando ela teve filhos, ela ainda tava lá?

N: Uhum, ela morava lá, morava na zona rural.

E: No mesmo lugar que ela nasceu?

N: No mesmo lugar sim, era na serra né. Cada filho tinha um pedaço de campo, de terra naquela zona. As vezes a gente até brinca assim ó, se ela não tivesse vendido, a gente hoje teria uma chácara (*risos*). Vamos dizer assim... porque todos herdaram um pedaço de campo, entendesse? Só que quando a mãe... A mãe não quis mais ficar lá na zona rural, ela vendeu o que ela tinha e veio morar na cidade, que ela achava que aqui na cidade seria melhor né, pra ela viver. E aí ela vem embora para cá... E vendeu aquele pedaço de campo que ela tinha lá.

E: E ela ainda era casada ou já era viúva?

N: Não, não, era casada, ainda era casada ainda né, ela ainda era casada e veio morar aqui na cidade e aqui na cidade ela seguiu trabalhando de empregada doméstica né, doméstica, ela fazia a limpeza, essas coisas, ela fazia. Pra terminar de nos criar né, os mais novos, vamos dizer assim, porque os mais velhos já tinha uma... né, já tavam criados né, o meu irmão... Já eram grandes assim.

E: Ela... no outro questionário, acho que tu falou que ela aprendeu a benzer com uma vizinha, né?

N: Ah, sim, era uma vizinha que ensinou ela.

E: Ela chegou a falar dessa vizinha?

N: Não

E: Não... Não tinha nada?

N: Não tinha.

E: Mas era desse lugar que ela nasceu que ela viveu?

N: É... porque desde criança, ela já tinha essa... vamos dizer que ela tivesse esse dom assim, né? Aí essa vizinha ensinou para ela e ela seguiu porque ela já tinha o dom de benzer, né? E aí seguiu benzendo assim... foi aprendendo e benzeu até... O final da vida dela e eu acho que

era um dom mesmo porque várias vezes ela tentou me ensinar as palavras que dizia em cada benzedura, mas eu nunca consegui aprender (*risos*). Então eu acho que era um dom dela mesmo entendesse? As falas assim ó... porque cada benzedura tinha uma fala diferente, geralmente quando ela tava benzendo tinha sempre um de nós ali junto com ela. Ou era eu ou era meu irmão, ou era minha dadá, enfim, sempre tinha algum dos filhos, né junto com a mãe ali. Chegava alguém com uma dor né... ah vou benzer de espinhela caída, vou benzer de quebrante, vou benzer de olho grosso, ela sempre benzia... ou dor de barriga, sabe? Vermes... essas coisas. Só que para cada benzedura era uma fala, era uma reza, vamos dizer assim. E aí eu não consegui aprender nenhuma das rezas que ela falava.

E: E alguém conseguiu?

N: Ninguém.

E: Ninguém?

N: Ninguém (*risos*). Ninguém... Assim, ó, porque era dela né, era uma coisa específica dela e ela já veio com aquele dom da benzedura mesmo né. E aí ela sempre benzia em três dias consecutivos né, menos sábado e domingo que ela não... não benzia. E assim ó, ela não cobrava nada, né não, não admitia que pegasse um centavo de ninguém. Se tu quisesse um dia dar um doce para ela, ela até aceitava um doce, né? Porque tu né, se te sentisse bem, vai lá, levar um docinho, uma coisa, uma bolachinha, tudo bem. Mas assim, dinheiro nem pensar. Não, a mãe não era assim, uma pessoa que...

E: É, eu fui criada ali do lado do seu Gervásio, não sei se tu conheceu, eu morava do lado da casa dele e era o mesmo esquema assim, ele não aceitava. Até doce também, doce ele aceitava.

N: Doce a mãe aceitava

E: Mas dinheiro não.

N: E outra coisa que eu acho que eu não cheguei a falar na primeira né... que a mãe conhecia muito das ervas né, ela conhecia muito de ervas, assim ó... cada doença ela tinha uma erva específica pra aquilo ali. Pra dor de cabeça, pra dor de estômago... Isso sim eu consegui pegar, muitas ervas eu conheço porque ela passou para nós, essa coisa das ervas e do chá, muito chá. Tinha uma dor de alguma coisa, a mãe fazia um chazinho, ela nunca tomava remédio, ela só tomava chá. Remédio era assim ó... na idade que ela tinha, ela não tomava remédio para nada, nem para pressão nem para nada. Era só chá... é. Era só chazinho né. Então essa coisa do chá eu consegui pegar, eu consegui aprender né, das ervas assim... ah, tal

erva serve pra tal coisa... Isso ela passou para nós, eu acho que acredito que as minhas irmãs também, muitas pegaram essa parte do chá porque ficou né... a gente... do jeito dela curar...

E: E vocês devem ter sido criados assim nesse...

N: É... a cura... a cura era através das ervas medicinais né... Ela não... Só em último caso assim, que a gente recorreria ao médico, mas na maioria das vezes era chá.

E: Tu sabes como é que foi... acho que já fala um pouquinho, né dessa transição dela do rural pro urbano... foi porque ela achou que...

N: Que ia dar... que ia ser melhor entendesse? Porque na zona rural. A zona rural é... agora é mais fácil, mas naquela época era mais difícil, né? Então assim, claro, moravam em rancho, não tinha luz elétrica, tinha algumas restrições, né? E ela achava que na cidade ela ia passar menos trabalho do que na zona rural, ela preferiu vir para cá, trazer os meus irmãos que eram mais velhos. Eles vieram para cá, pra cidade porque ela achou assim: “não na zona rural, eles vão passar trabalho na zona urbana...” que na época não dizia zona urbana, dizia na cidade, “vai ser melhor para eles, eles vão poder estudar...” porque ela era muito assim... que a gente tinha que estudar. Tu vê que ela estudou até a quinta série e ela sabia ler, sabia escrever, sabia tudo assim, né? Então ela queria que os filhos dela também soubesse ler e escrever. Ela dava uma, assim ó, era prioridade para todos estudar, só não estudou que não quis. Não que ela disse “ah tu vai trabalhar e não vai estudar”, não, a prioridade dela era fazer com que a gente estudasse né. Mas muitos mesmo, preferiram “não, eu quero... Vou estudar até uma certa etapa e vou parar para trabalhar”. Aí era opção do filho, a mãe sempre... deixava muito... assim ó, nós muito à vontade para escolher o que que a gente queria entendesse? Ela nunca forçava nada. “Ah tu tem que fazer tal coisa”, “tu tem que ser tal coisa”, “eu quero...”. Não, ela deixava a gente à vontade... quer estudar, tu vai estudar porque vai ser melhor para ti, mas se tu quer estudar e trabalhar também tu pode, agora se tu só quer trabalhar e tu não quer mais estudar, também tu pode, mas depois tu vai sentir que vai fazer falta. Ela já tinha essa noção, naquela época ela sabia que se a gente não estudasse ia ser mais difícil depois, que ele era necessário que a gente estudasse. Então assim eu tenho uma irmã, que ela, quando ela veio morar aqui na cidade, ela deixou essa minha irmã morando numa casa de uma família que tinha bens né. Pra que ela pudesse ter uma vida melhor né. E aí, a minha irmã Iara. ela também morou um tempo com essa família... estudou, né? Teve uma vida mais assim... mas sempre junto com a minha mãe. ela deixava a gente morar nessa... na casa, mas tava sempre assim...

E: Ela tava sempre por perto?

N: Sempre por perto né? Pra que a gente tivesse uma estabilidade melhor. Pra que a gente não passasse trabalho.

E: A próxima era se ela tinha estudo... Ela estudou até a quinta série então?

N: Até a quinta série. É, ela sabia ler e escrever, fazia conta, conhecia dinheiro, conhecia tudo. Ela sabia muito. É que a quinta série naquela época era bem diferente do que é agora, eu acho né. Eles aprendiam bastante... agora uma quinta série sabe muito pouco, mas naquela época eles aprendiam né... muita coisa numa quinta série. Era tipo um nono ano pra nós, eu acho agora.

E: E eu acho que marca, eu acho que quinta série marcava muito né? A mãe também, ela estudou até a quinta série. A gente ouve muito falar de quem estudou até a quinta série...

N: É...

E: Parece que era um marco né.

N: É... sabia escrever, sabia ler perfeitamente assim. Que a mãe pegava uma... Qualquer papel, assim... jornal, coisa, ela não ficava soletrando as letras, ela lia né, normal assim, como se tivesse estudado um horror.

E: E ela lia bastante?

N: E ela lia bastante. Ela gostava de ler, principalmente jornal. Jornal ela lia bastante. Ela lia até que (*inaudível*). Assim ó, eu chegava lá, às vezes ela tava lendo e sem óculos, né? Porque ela não usava óculos (*risos*).

E: e enxergava bem?

N: E enxergava muito bem. Eu não enxergava. Às vezes eu “mãe como é que consegue enxergar?” “ué tô enxergando”. Ela botava o jornal assim (levanta o livreto que está nas mãos e afasta dos olhos para mostrar como Dona Serafina fazia) e... lia muito bem assim, perfeitamente ela lia, ela ela gostava muito de jornal e revista assim. Eu me lembro que ela ia limpar as casas das pessoas, eu acho que é por isso também que eu adquiri essa vontade de, talvez de ser professora, de gostar de livros e sentir o papel. Porque ela... Quando ela ia fazer faxina, as pessoas botaram... tipo livros fora, jornal fora, revista fora, ela não botava fora. Ela trazia para gente aquelas revistas, aqueles jornais, entendesse? Tinha assim, muita revista e muito jornal na nossa casa, mas também não era para queimar, não era pra fazer nada, era pra a gente ler né. Era muito interessante isso... a mãe criou esse hábito da leitura através de jornal, de revista que as patroas iam botar fora e ela pegava e trazia para gente.

Tinha um manuscrito do... do Zeca Tatu... do Jeca né... era um livrinho assim...eu gostava muito de ler porque eu gostava de ver as figurinhas daquele livro, era bem interessante... Ela

sempre trazia aqueles livrinhos assim... de almanaque, como ela dizia... para a gente... é... ler, assim, as historinha que tinha ali.

E: E tu sabe seus outros irmãos dela também viveram tanto tempo com ela?

N: Olha, não tanto como ela, não. As minhas tias... teve uma que morreu muito cedo, né? A minha tia morreu porque ela bebia muito, a minha tia, a tia Nídia, assim ela era uma pessoa muito boa, mas, porém, ela bebia muito e ela, ela é muito cedo assim, eu era pequena, devia ter uns 13, 14, não lembro, uns 10, 12, 13, não sei mais ou menos a época, né? Mas eu me lembro dela, ela era uma das mais novas assim, ela morreu porque ela bebia né? Ela era uma pessoa muito boa, mas ela, ela tinha vício de alcoolismo né. E os filhos dela assim, todos, também são é... tem o Lelen, não sei se tu conhece, ele, o Gilnei, ele é, ele... né... todos eles também estudaram, se formaram, né... Eles têm uma profissão assim... e ela morreu muito cedo e depois as outras, foram ficando assim... Meus tios também ficaram mais ou menos, acho que uns 60, 70 anos, acho que eles duraram mais ou menos. A mãe é que durou muito mais que os outros né. Eu não sei se é porque ela não bebia, nunca bebeu também. Nunca fumou, né? E tomava muito chá, eu acho que... (risos), eu acho que era o chá. Porque ela nunca bebeu, ela nunca fumou e ela tomava muito chá, ela não tomava remédio, e os outros tios, todos tomavam remédio de pressão, de... sabe? Ou diabético... alguma coisa assim... ela não...ela não... apesar dela se dar muito bem com os médicos, ela gostava muito de médico, mas ela... muito difícil ela ir se consultar com um médico, ela nunca ia. Ela podia ta assim, com um dor horrorosa, ela não ia no médico nunca ia. Já fazia o chazinho, que o chá dava o efeito.

E: Ta, ela foi casada, né?

N: Foi casada.

E: Sabe com quantos anos ela casou?

N: Quantos anos?

E: É... quantos anos ela tinha?

N: Ai eu acho que ela era novinha assim, na época que ela casou, ela não era muito velha não...

E: E aí ela acabou ficando viúva?

N: É, ficou viúva. Mas meus irmãos eram grandes, eu já era nascida, a gente já era nascido quando meu pai morreu. A gente já era... eu já era... devia ter uns 17, 18, 19... não sei, quando meu pai morreu...

E: tu és a mais nova?

N: Não, eu sou a mais... sou a do...entre a... a mais nova e a do meio. Eu sou a do meio, no caso, das gurias né.

E: E que é o mais novo?

N:É a Lá, não sei se tu conhece a Lá?

E: Sim.

N: Essa, é a mais nova do que eu.

E: E quantos anos mais ou menos ela tinha, sabes? Quando o pai de vocês faleceu?

N: A Lá? Ai, a Lá era bem pequena. Era bem pequena. Mas eu não me lembro a data que meu pai morreu. Não sei Deve... O Tuíca tem a data. Assim, porque, geralmente, quando morre uma pessoa, eu não consigo lembrar da data que a pessoa morreu. Não lembro assim, deleta da minha cabeça, pode, eu não sei te dizer...

E: Mas tu tem memórias assim, dos dois juntos?

N: Ah, sim! Claro!

E: Como era o casamento?...

N:Tenho memória. Meu pai chegava, meu pai era esquilador, meu pai trabalhava nas esquilas. Então era muito bonito meu pai era muito lindo mesmo, né? Tinha uns dentes perfeitos assim, parecia que usava dentadura, mas não era dente dele mesmo. Era muito bonito. Conhece o Euller, meu sobrinho?

E: Conheço.

N: Ele era muito parecido com o Euller, era idêntico, assim ó, só que mais forte, né, mas aquela cor amarelada assim do Euller e um porte bem bonito assim, meu pai. E eles se davam muito bem tá? Eu me lembro do meu pai chegar da campanha assim com umas latas cheia de banha, sabe? Ele botava a banha ali e quando eles carneavam as ovelhas, as coisas, ele botava a banha e botava a carne para conservar na banha. Então quando o pai chegava de fora era uma festa porque a gente sabia que ia ter muita carne, muita coisa boa que o pai trazia, era banha, era batata doce era tudo de bom que o pai trazia ali naquele... quando ele vinha das esquila né, que ele passava uma temporada esquilando.

E: Ele ficava um tempo fora?

N: É, um tempo fora. Saía pra esquilar e ficava um tempo fora. Não sei se era 15 dias, 20 dias e quando ele vinha, ele trazia aquela lata cheia de banha assim né. E assim, ele era muito bom assim, eles não brigavam, só que tinha uma coisa, minha mãe era ciumenta, né? (*risos*) E às vezes meu pai saía e a mãe não gostava que ele saísse, né? E tinha um bordel lá embaixo, era um... como é que era o bordel... tinha um nome, mas eu esqueci (*inaudível*). Então, claro,

meu pai chegava de fora, né? De vez em quando ele gostava de andar nessas coisas... assim, nesses lugares né... E a minha mãe ficava muito braba e aí ela ia cuidar ele né? Onde ele ia, ela ia atrás né, pra ver aonde que ele tava indo. Mas às vezes ele saía... saía com os amigos, pessoa assim que vinha da campanha, ta, ficava com ela, mas também gostava de ir pra um “bailizito”, uma coisinha. E a mãe não era muito assim de... de... né? Na época ela não ia muito. E aí ele ia pra esses lugares assim, eu me lembro dela falar que ele ia né. Ela tinha ciúmes dele assim. Que ele tava lá com essas outras mulheres, ela ia lá e tirava ele de lá né.

E: ela ia atrás dele?

N: Ela ia atrás dele. (*risos*)

E: era braba?

N: Era braba! Que eu me lembre assim ela ia lá... era lá para baixo, lá perto do arroio, eles tinham uma coisa lá. E aí meu pai ia lá e ela ficava muito braba né, mas era isso aí assim, mas eu nunca vi eles brigando assim, sabe, aquelas brigas assim, não, nunca tinha isso.

E: E quem tomava conta da casa era ela?

N: A mãe?

E: Porque ele ficava um tempo fora...

N: Uhum... a mãe que cuidava assim da gente né, fazia as coisas era ela. Mas ele sempre muito ali, ajudando, sempre ajudando ela. Não, não brigava com a gente nem nada, era um pai bem bom assim, bem...

E: como é que é o nome dele?

N: Eloí Machado.

E: Essa aqui tu já respondeu também, se ela passou o dom pra alguém...

N: Isso, é...

E: Até tentou, mas não...

N: Não, ninguém conseguiu, ninguém. Ah, e ela tinha também, da parte da religião, ela tinha o hábito assim, de fazer mesa de inocente né. Por exemplo, uma mãe que ganhou um filho e a criança nasceu muito doente, ela fazia uma mesa de inocente, era uma promessa que ela fazia, que até os 7 anos tinha que ter essa mesa de inocentes. Essa mesa de inocentes, ela botava uma toalha branca no chão, aí a mãe comprava os docinhos, as coisas e as crianças sentavam tudo em volta dessa mesa para fazer a mesa de inocentes. Criança menos de 7 anos, né. E... E tinha bolo, tinha guaraná que ela... que as mães traziam... Ao invés de fazer uma festa de aniversário, faziam a mesa de inocente. E ela fazia uma canja, uma canjinha com batata e... e galinha, e servia para as crianças sentadinhas ali. Tinha mães que faziam a promessa até os 7

anos de idade, tinha outras que “não, quando fizer 1 aninho, nós vamos fazer a mesa de inocente”, aí ficava a critério da mãe. Mas era uma promessa que sempre funcionava, entendesse? Porque às vezes as crianças estavam muito, muito doente e ela fazia aquela promessa ali diante da Nossa Senhora, né? Prometia que a criança ia ficar boa, ficasse boa, se sobrevivesse, que a mãe tinha que fazer a mesa de inocentes, a mãe da criança junto com ela, claro né. E aí sempre dava certo assim... nunca aconteceu de ela fazer a promessa e vim a criança a falecer, nunca aconteceu isso.

E: E da onde será que veio essa...

N: Isso veio dos nossos antepassados, né?

E: Ela aprender com...

N: Ela aprendeu com os antepassados, com as pessoas mais velhas, tipo com a mãe dela, com os avós...

E: Porque ela era muito era católica, né?

N: É, ela era católica né, então isso ela aprendeu com os avós né. Que fizesse a promessa para Nossa Senhora, que fizesse a mesa de inocente, que a criança ia sobreviver né.

E: O restante da família, assim, como é que era a relação com a benzedura? Os filhos participavam? Tu já disse que não aprenderam mas...

N: Isso. Não, a gente participava só que nenhum de nós... Eu não aprendi. Ela tentou passar pra minha sobrinha-neta, que é a Nina né, que é a filha da minha a minha irmã, a Nina também participava sempre assim, mas ela também, acho que não aprendeu a benzer. Uma que aprendeu a benzer, que sabe benzer é a Mara, a Mara, a Mara, mãe da Pâmela, tu sabe? A Mara do Bibico? A Mara... fazia unhas...que era nossa irmã também, de coração assim, foi criada junto com a gente. A Mara aprendeu a benzer, até hoje ela benze de quebrante, de... essas coisas assim a Mara conseguiu aprender a benzer, a Mara benze né...

E: E aprendeu com ela?

N: É... Ela via a mãe benzendo e aprendeu a benzer...

E: Só ela?

N: É, ela sabe, ela sabe benzer.

E: Ta, vamos passar então para o Carnaval. Tu sabe como é que é ela se inseriu no carnaval? Como é que foi o contato dela com o carnaval?

N: Sei... A mãe, assim ó, ela gostava muito de carnaval, muito. Sempre nos incentivou muito para carnaval e teve uma época que ela fazia aquele bloco de mascarado. Não sei se tu te lembra, tinha um bloco de mascarado que era o bloco da Serafina. Então tá né... Ela sempre



gostou de carnaval, de coisa assim... e aí o bloco de mascarado saía dali da casa dela, né? As pessoas se fantasiavam e saíam dali. A banda da Farroupilha, ia tocando no bloco atrás e as pessoas iam pulando né? Tá e ela gostava muito disso aí, depois ela foi... A Dadá começou uma... A escola de samba Mirim né? Que era a... era... era um bloquinho assim de criança, né que a Dadá começou por causa dela também...

E: E era da família o bloco?

N: Era da família, era da família, todas as crianças da família saíam naquele bloquinho. Que era o... que agora a gente tem o bloco da Serafina, mas é diferente né. Mas naquela época era tipo uma escolinha de samba, só que era de criança né. Muita criança saía naquela escolinha de samba. E aí tinha as amigas da mãe que gostavam também né, de carnaval, a Pequena... era... várias assim que gostavam, que já saíam no bloco de mascarados, mas como o bloco de mascarados, as crianças não podiam sair sozinha e era de noite, né? Aí criaram essa escolinha para as crianças poder participar, porque era muita criança que queria, mas não podia sair de máscara, né? Até as mães, tinha algumas mães até que levavam as crianças do lado assim, vestidinha de mascarado, mas não podia, era até um certo horário que a criança podia tá ali, depois não. Aí se criou essa escolinha de... Essa escolinha mirim, tipo uma escolinha Mirim, né, para fazer...

E: E ela começou quando ela veio para cá já? Pra cidade será?

N: Ah, sim! É, quando ela veio pra cidade. Porque na época não tinha o clube Guarani, era o Instrução e Recreio, né?

E: Que é o Comércio?

N: Não, não era o Instrução e Recreio, era o Instrução, que era o nosso clube de negro, Instrução e Recreio era o...

E: Antes do Guarani?

N: Antes do Guarani. Era um... Era um clube... Como é que vou te dizer? Era tipo um galpão assim, mas era o clube dos negros, vamos dizer assim. E ali tá, ali era pros negros porque na época a gente não podia pular junto com os brancos, era só negro com negro, branco com branco. E a minha irmã, a Iara, ela foi duquesinha, na época, desse Clube. Era um Clube só de negros e a Iara foi duquesinha do Clube né... E aí, daí já se... aquele gosto pelo carnaval, pelas festas de carnaval e coisa né. Nessa época aí, a mãe já fazia um bloco de mascarado dela. E criou a escolinha de samba, né? Que aí depois se formou a Samba no Pé, porque era de criança né.

E: E ela participava do Guarani também?

N: A minha mãe?

E: É...

N: Ah, sim, claro! O Clube Guarani era o Clube que ela frequentava né. Nós frequentamos, porque era o nosso clube, era nossa sociedade, né? Eu ia muito no Guarani, né? Porque era o nosso clube social era o Guarani né.

E: E que lembranças que tu tem assim do... dos carnavais em família assim... Como... O que mais tu te lembra?

N: Ah, era muito bom assim, que eu me lembre assim, a gente sempre se ajudando né, um fazendo... fazendo as fantasias, montando as alas... Essas coisas de carnaval, a gente tava sempre ali.

E: A família sempre teve envolvida né?

N: Sempre, sempre envolvida. E a mãe sempre junto ali, fazendo as coisas também, ajudando e... né? A mãe tava sempre ali, pra fazer uma coisa, fazendo outra... sempre ela tava junto, entendesse? Sempre tava na... na função do carnaval.

E: Como é que foi para organizar essa primeira escola de samba mirim? Tu falou que foi do bloco que aí não podia ir as crianças...

N: E aí eu acho, aí essa parte aí mais é a Dadá que poderia te dizer. Que eu me lembro que foi a Dadá e a Pequena... A Dadá, a Pequena... Eu não sei se a Gica também... né... Elas criaram a escolinha, eu sei que eu me lembro da Dadá organizando a escolinha, junto com a Pequena, né... e a Pequena, que elas... Elas montaram a...

E: E aí a Dona Serafina tava sempre junto?

N: E a mãe junto com elas...

E: Ela era costureira, alguma coisa assim?

N: Não... ela só organizava mesmo (*risos*). Ela só organizava... A mãe só dava as ideias e a coisa fluía assim né. Mas ela não era costureira, ela costurava, se tivesse que costurar, ela costurava, mas ela não era costureira, mas ela sabia fazer as coisas.

E: Tu falou que ela trabalhou de doméstica, né?

N: Sempre! Toda vida, ela trabalhava de doméstica.

E: Sempre foi doméstica?

N: Doméstica, é. E ela fazia quitutes também, salgadinhos, bolos e... croquetes e... barquetes... Essas coisas a mãe fazia muito bem né...

E: Mas ela trabalhava numa casa só ou...

N: Não, ela trabalhava assim ó, tipo... hã... vamos dizer assim, tem uma casa fixa que ela trabalhava lá, mas aí quando ela tinha que fazer limpeza, que ela fazia faxina, aí contratavam ela para fazer faxina numa casa, aí ela ia lá e fazia...

E: Era como se fosse diarista assim?

N: É, uma diarista, sim, ela fazia faxina pras pessoas, mas era aqueles lugares fixos, entendesse? “Ah, hoje vamos chamar ela para limpar tal coisa”, aí ela vinha e limpava. E uma casa que ela trabalhou bastante tempo, foi ali na mana, naquele sobrado que tem bem na... na... ali sabe, na Dr. Monteiro, tem um sobrado na esquina ali, aquele sobrado ela trabalhou muitos anos ali. Na limpeza assim... ela fazia limpeza...

E: Até que idade, mais ou menos?

N: Ah, eu nem sei, eu acho que ela já tinha uns 80 anos e ela ia lá limpar. Ela não conseguia parar de fazer as coisas, entendesse? Ela sempre ia lá limpar. Hã... limpava... ajudava ali... tem aquele... aquele Jardim ali, ela ajudava também a organizar e limpar... E tirar folhas... varria na frente, ela sempre tava ali. Quando passava as procissões, que tinha as procissões, ela... No Corpus Christi ela... Ela pegava as “flor” desse Jardim e enfeitava toda a frente ali da casa da Mana, pra o padre passar. Naquela época não tinha os tapetes que nem tem agora né, cada pessoa enfeitava na frente da sua casa e ela fazia aquele tapete de folhagem, de folhas e coisas pro padre ali.

E: E como é que era assim, a vida de vocês, tendo que... Ela trabalhando tanto assim, e cuidando de vocês ao mesmo tempo, como é que era o dia a dia?

N: A gente se organizava né. A gente se organizava... Cada um tinha uma função para fazer, né? A Dadá, como ela, como era a mais velha, ela que nos dizia... o que cada uma tinha que fazer, entendesse? Tipo... arrumou a casa, não pode... ninguém vai desarrumar a casa, né? Lavou a louça... né... então a gente se criou naquele sistema assim... de organização...

E: E todo mundo ajudava?

N: Todo mundo ajudava, todo mundo se organizava, uma fazia comida, outra lavava louça, outra lavava roupa, que não tinha máquina de lavar roupa, né... lavava a roupa, arrumava a casa, a gente que fazia as coisas. Dos maiores aos menores...

E: Ela ficava muito tempo fora de casa?

N: Às vezes ela ficava fora de casa bastante tempo.

E: Ela tinha também essa interlocução, amizade com outras famílias negras, essa rede com outras famílias?

N: Ah, sim! Sim, todas, eu acho que daqui de Arroio Grande. Tanto é que a gente tudo o que é... Todas as famílias negras que nós conhecemos a gente chama de tia. A gente não é parente de sangue, mas a gente chama de tia. Eu mesmo e a minhas irmãs, acho que a gente nunca namorou ninguém se fosse negro assim, que fosse muito próximo da gente, porque a gente já via aquele negro como se fosse irmão, como se fosse primo... Esse relacionamento, não tinha na época, né? Primo com primo... não, a gente tinha muito carinho por aquele primo mas não para namorar, não pra casar, né. A geração mais nova e que foi mudando um pouco, mas na nossa geração não. E tem um monte de tias, que não são nossas tias, mas a gente... a mãe nos ensinavam a chamar de tia e respeitar como se fizesse parte da nossa família né. Os mais velhos, os mais antigos.

E: E tinha também com outras cidades ou era só aqui em Arroio Grande que ela conhecia... Tanto de benzedura, quanto de carnaval... assim...?

N: Não... Assim ó, a cidade mais próxima que a gente tinha mais contato com as pessoas era Pelotas, porque nossos tios moravam lá, as nossas tias morava lá, então a gente tinha bastante contato com o pessoal que mora em Pelotas né. Agora nem tanto, mas quando nós éramos jovens assim, a gente tinha muito contato com eles, de carnaval... de coisas... Porque as minhas tias lá também são envolvidas com o Carnaval, entendesse? As minhas tias eram envolvidas com o carnaval lá também, com clube social, era uma coisa que já veio, já da família. Porque... né... Elas saiam lá nas escolas de samba, Teles e coisa... e as gurias continuaram investindo nessa parte de carnaval lá em Pelotas também.

E: É uma coisa de família mesmo?

N: É, uma coisa de família. Porque tem a Dama da Noite, que vem, não sei tu te lembra? Aquilo... As minhas primas fazem parte daquele... daquele grupo ali, daquela escola ali...

E: E sempre... Tu lembra desde sempre foi assim?

N: Sempre foi assim, sempre foi assim. Sempre, desde sempre. Ou a gente ia para lá... uma vez eu lembro que eu fui passar um carnaval lá, claro que não gostei muito né, porque é diferente, eu fui passar um carnaval lá com eles, né, mas lá a gente não podia sair que nem aqui, tinha que tá sentadinha na arquibancada... não podia descer porque era mais perigoso...

E: Ela ia também?

N: Não, a mãe não ia.

E: Ela ficava só aqui?

N: A mãe ficava só aqui. O carnaval da mãe era só aqui. Ela não gostava de ir.

E: Até tu falou que ela não casou de novo...

N: Não, não casou de novo, não. Minha mãe, é assim ó, ela gostava de baile, né... agora, mas ela nunca quis casar de novo. Ela só... a única pessoa que ela teve foi meu pai depois que meu pai morreu, ela ficou nova, mas também nunca mais se casou com ninguém, ficou só ela criando nós, praticamente né, eu era já, grande mas não era... velha assim, mais madura... E ela nunca teve mais assim... Mais ninguém. Ela tinha amigos assim, mas não casar.

E: Ela falava da dificuldade de criar os filhos sozinha e trabalhar?

N: Não, não. Nunca ela disse assim “Ah, eu não tenho isso”, “ah porque meus filhos vão passar trabalho”, não, ela nunca foi uma pessoa de se lamentar, ela nunca deixou transparecer que ela não tinha, entendesse? Ela sempre dava um jeito de conseguir alguma coisa para gente. Nunca faltava, nunca faltou pra nós, né. A gente sempre tinha assim... Ela, ela trabalhava e conseguia nos manter... Mas a gente, na nossa cabeça... Eu mesmo, também comecei a trabalhar muito cedo. Não sei se pelo exemplo dela assim, eu já comecei a ter a minha independência, a querer ter o meu dinheiro, o meu salário, a minha profissão... E isso veio, não só de mim, mas dos meus irmãos também, a gente tinha essa independência, assim de querer, né? Ter uma formação, ter um dinheiro né... E não precisar depender de ninguém, essa coisa de independência, a mãe passou para todos nós, de não depender, não ficar se lamentando porque não tem, “porque eu não tenho” “porque eu sou uma pobre coitada”, nunca a gente, é... fala sobre isso, entendesse? A gente não tem essa ideia assim de não ter, de não poder, a gente não tem isso na nossa cabeça. Eu não tenho, as minhas irmãs também não tem. Então acho que foi uma coisa que ela passou para nós, né, de não ficar sendo... sofrendo assim sabe? Então ela sempre falava aquela coisa assim ó... “se tu tem braço tem perna. Porque que tu não vai poder trabalhar e conseguir as coisas?” “Tem que adquirir por ti mesmo, não ficar pedindo para os outros, não. Tem como fazer as coisas para ti”. Isso ela sempre passou pra nós, dessa coisa assim... de adquirir, não ficar pendurada em ninguém (*risos*).

E: Independência né?

N: Independência mesmo né.

E: Sabe como é que ela se enxergava enquanto mulher negra nessa sociedade de Arroio Grande? porque...

N: Ta, tem o preconceito, tem...

E: Como é que ela se enxergava nessa sociedade?

N: Ela não se enxergava assim, tipo menos... Menos do que os outros não, ela não passava essa ideia assim “ah porque eu sou negra, eu sou inferior as pessoas” ... Não! Ela não fazia

isso com a gente. Porque a gente tinha o nosso lugar de diversão, nosso lugar de ir, de se divertir e aproveitar e ela também tinha. Por que tinha o clube social deles, né? Tinha o Clube do Comércio, tinha o Clube do Caixeiral, mas tinha o Clube do Guarani. E aquelas pessoas que frequentavam Clube Guarani eram negros que tinham uma posição social boa, né? Porque para tu frequentar o Clube do Guarani tu tinha que ter uma postura, tu não podia ir lá de qualquer jeito sabe? Não! Tu tinha que te arrumar, tu tinha que te enfeitar, tu tinha que... né? Tu tinha que ir com um vestido bom, com um sapato bom. Era dia de festa, tu ia bem arrumada. Então os negros que frequentavam o clube Guarani eram negros bem arrumados, eram negros que tinham posse, né? E aí a gente adquiriu essa coisa assim, da sociedade... um lugar chique, vamos dizer assim... É um lugar chique, né, tanto é que tinha baile de debut, a gente debutava. A gente não ia para o baile antes do debut. Eu mesmo, eu só fui para baile depois que eu fiz 15 anos, eu tinha que esperar meu debut pra ir pra um baile, minhas irmãs também. Aí naquele debut, tu ganhava vestido novo... É uma pena que eu não tenho fotos, né, do debut, porque naquela época era mais difícil, mas lá no Clube deve ter foto nossa, com certeza tem. Então assim ó, todas nós tivemos a passagem pelo debut, né? Não, a gente ia... E eu tinha um irmão, que ele era muito social, muito, só que ele morreu cedo também, né? Ele era muito social e então ele fazia aquilo assim, para gente né, Deus o livre tu... Nem pensar em tu fazer qualquer coisa errada antes de tu ir pro clube, não né? Tu tinha que primeiro fazer o debut pra depois tu namorar, né? Namorar... muito decente! Naquele Clube, Deus o livre se te vissem fazendo alguma coisa a mais, tu não podia descer... “ah, to lá no baile, vou descer, dar uma voltinha”, não! Tu não pode, tu não podia fazer isso, tu tinha que ficar... “ tu vai pro baile, tu vai pro baile! Não tem que tá descendo dando uma voltinha”. Não! Se tu desse uma voltinha, pronto! Tu já não entrava mais. “O que tu tava fazendo?”, “Onde é que tu tava?”, dar uma voltinha com namorado, nem pensar. Só assim, muito escondido para tu sair dali, senão... Não! Era tudo muito assim, né? Então a gente se cuidava muito para não fazer nada errado, porque se tu fizesse errado, tu não entrava mais no Clube. Tipo, uma mãe solteira, tá? Não vai mais entrar no Clube! Já tas difamada, tu não entra mais, né? Depois... muitos anos depois, aí já deu uma amenizada na coisa, mas até então... Era tudo muito certinho... namorava, casava, pra depois fazer qualquer negócio. E isso, era na... era uma coisa que era rígida na época né?

E: Ela nunca denunciou casos de racismo pra vocês?

N: Não, nunca, nunca, tanto era que ela era ama de leite, né, ela amamentou muitas crianças brancas de Arroio Grande, né. Tinha uns assim, que eu passava por... por as pessoas...

Assim, até guri assim né, e ela dizia “olha, aquele lá é teu irmão de leite”, “olha, aquele ali é teu irmão de leite”, né? Nem pensar em olhar pra ele com outros olhos, porque não dá, mesmo que não era parente, não era nada meu (risos)... Mas era meu irmão de leite e era branco, entendesse? A minha mãe, ela... amamentava as crianças né.

E: E ela tinha essa consciência assim do... vamos dizer assim... do que ela representava?

N: Não, acho que não...

E: Ela era uma pessoa bem simples né, sempre foi...

N: Era bem simples, nunca... não, não.... Não tinha essa coisa assim... Eu lembro que... até pra ela casar, ela conta que...Eu acho que foi a dona... Como é o nome da dona... A Jurema, eu acho que é... eu sei que uma dessas mulheres ricas daqui de Arroio Grande, emprestou o vestido de noiva para ela, arrumou assim, um lugar pra ela...agora me lembrei! O seu Olavo Marzullo, sabe? Ele me contou também, uma vez que... eles arrumaram tudo para minha mãe... A roupa de casamento né... O quarto para ela ficar né, ficaram... fizeram tudo assim, ó, um lugar onde... A lua de mel dela, ia ser ali, naquele lugar né? O vestido, tudo. Tudo foi muito bonito assim, mas não tem foto também porque não sei, ou não registravam, ou eu não sei se perdeu as fotos eu acho, mas ela tem um casamento bem bonito.

*(Nesse momento chega uma amiga da Noni, perguntando o que está acontecendo e ela responde que está dando uma entrevista sobre a vida de sua mãe e a amiga pergunta sobre a “festa”, se estava boa, então eu lembro de ver nas redes sociais que no final de semana que antecedeu a nossa entrevista, havia acontecido a 1º Junção da Família da Dona Serafina e pergunta à ela sobre)*

E: Ah, e agora teve a 1º Junção da Família...?

N: A Junção da Família, a Junção da Família... hã... Essa junção, as gurias sentiram necessidade de fazer porquê... Faz muito tempo que a gente não vê uns parentes, né? Então as gurias... Foi as mais novas... Essa já é a... Que? A segunda, terceira geração, é. Então as filhas da filha da Dadá, né, que fez, a Milene, no caso a Dadá é vó, é... é vó. E aí elas resolveram fazer a junção da família, né? Tava muito bom, muito bom mesmo, tava assim... muito bom. Tinha bastante... a maioria veio, ficou faltando algumas famílias, mas muitos dos familiares vieram. Tava cheio, não dava mais, se tivesse vindo todos não ia dar espaço para fazer, não dava.

E: Tem muita gente fora?

N: Muita gente... É muita gente que foi embora né? Então... Mas tava muito bom. E essa coisa da junção também, da família, de se reunir todo mundo e fazer festa e coisa, também vem da minha mãe, né? A mãe tava sempre fazendo festa, né?

E: Ela reunia a família por algum motivo ou nem precisava de motivo?

N: Ela reunia... não, qualquer coisa já era um motivo de festa né? Ah, então, uns já pegavam uma cerveja, outro já comprava o vinho e já... aquilo ali já virava uma festa, era dela isso aí, né? Ela tava sempre com... nos finais de semana, nos domingos depois quando ela já tava um pouco mais velha, ela reunia todo mundo assim pra... no domingo pra almoçar com ela... ela sempre gostava de fazer uma massa com galinha, que só ela fazia, que ninguém conseguia tirar aquela receita que era difícil de fazer. Não era difícil, mas ficava diferente, não ficava do mesmo jeito né? Ela gostava muito de fazer comida, né as coisas assim de comilança, ela gostava muito de fazer. Sempre que chegava assim, ela tinha alguma coisa pra te oferecer, sempre.

E: Ela mesmo que fazia?

N: Ela mesmo que ela fazia. Ou era um café, ou era um biscoitinho, ou era um... Sempre ela tinha. Ou era uma marmelada, sempre ela tinha alguma coisa.

E: Isso ela passou um pouco para os filhos?

N: Sim, com certeza! Isso ela passou pros filhos é, essa coisa de oferecer assim, de ta sempre... oferecendo alguma coisa pra ti, né? De não ficar com aquilo só pra ti, ela tinha isso.

E: Qual tu acha que foi o maior ensinamento de vida assim, que ela te deixou?

N: Ah, eu acho que tudo né? Acho que tudo, a minha mãe foi uma pessoa assim, um exemplo de mãe sabe, ela não era uma mãe que cobrasse nada dos filhos, mas ao mesmo tempo ela... não precisava ela cobrar, a gente sabia que tinha que fazer, entendesse? A gente procurava fazer tudo assim, pra não magoar a mãe. E ela conseguia agregar os filhos de uma tal maneira... Eu não sei assim se... né... Mesmo que a gente... “Tá briguei com meu irmão”, mas quando chegava na mãe não, não tinha isso. Pra ela... ela não... a gente não deixava aquilo chegar até ela, entendesse? A gente tinha essa preocupação, depois que ela começou a ficar mais velha, a gente tinha aquela preocupação de não magoar ela, de não fazer nada assim, contra a vontade dela, nada assim. As vezes ela juntava, juntava coisa, que ela tinha uma mania de juntar coisa também, depois que ela ficou... Começou a ficar mais velha, ela começou a juntar coisa. E aí a gente dizia “mas mãe...” “não, tu deixa aí minhas coisinha”. Aí a gente dava uma... sabe... pra poder tirar aquilo dali, sem que ela percebesse que tava tirando um pouco de coisa dali, porque ela... A gente fazia as coisas assim, pra não magoar,



entendesse? E ela era muito... Muito tua amiga assim, muito parceira, eu acho. E eu acho que isso, nós... nós que somos filhos, a gente é dos filhos nossos... dos nossos filhos, a gente é muito amiga, é muito... O filho vem conversa com a gente, meus filhos tem essa liberdade de qualquer problema que eles tem, eles vem conversar comigo, eles não vão falar pra outro lá na rua, não, eles vem conversar comigo. Porque? Porque a minha mãe era assim com a gente. Se a gente tinha algum problema, a gente falava com ela, ela ia dar um jeito de resolver. Ela nunca te criticava... Tu errou? mas ela nunca dizia que “ta, tu errou e agora?...”... Tá, não. A mãe dizia “tá, tá errado, mas tu vai consertar, tu vai fazer a coisa certa”, “tu vai arrumar o erro” né? E ela tava sempre te ajudando, nunca deixava de te ajudar. Teve uma época que eu trabalhava pra fora, eu me acordava muito cedo, 5 da manhã e a minha mãe ia até lá a faixa comigo, me acompanhar, para não deixar eu sozinha. Eu pensava assim “pra que ela vai junto comigo, né?”, cedo, de madrugada. Mas ela... Eu já era velha, já era... velha não, mas já tinha 25, 26 anos, e ela nunca deixava eu ir sozinha, ela sempre me acompanhava para não... sabe? E não era só eu, as outras irmãs também, ela tava sempre correndo assim, um e outro né? O que ela dava para mim ela dá para outra, ela nunca deixava um sem. Isso ela... passou para gente. E aí quando a minha irmã ficou doente, que a Tereca ficou muito tempo doente, muito tempo acamada assim, ela ficou todo tempo ali já... junto com ela, cuidando ela. Porque ela achava assim, ela precisava mais dela do que qualquer um de nós né. Então ela nunca, assim... “ah mãe, vem morar comigo e deixa ela lá” ou “bota os filhos dela pra cuidar”, no caso né, porque ela já tinha filho. Não, ela: “eu vou cuidar ela, porque ela é minha filha”

E: Ela morava com ela?

N: Morava com ela. Se ela pensava assim: “se os filhos não querem cuidar, eu vou cuidar, né? Eu não vou deixar ela sem cuidado”. Então ela tinha aquela coisa de mãe, mãe acolhedora mesmo assim né. Mãe protetora, de cuidar, de... Ta ali na volta da... Do filho.

E: Eu não sei se tu te importa de falar de quando ela ficou doente, de quando ela faleceu...?

N: Não, eu não me importo de falar isso. Quando ela ficou doente, ela já vinha assim apresentando alguns sintomas, né? Porque ela, claro ela já tava velha mesmo e... Ela já apresentava alguns sintomas assim, tipo ela não podia comer determinada coisa e ela... comia determinada alimentação e aquilo fazia mal né, ela não passava muito bem. Aí quando ela ficou doente assim, ela ficava com o tempo no hospital, voltava, se esperava né? E vinha pra casa e tal... e ta, ficava ali um tempo. Aí depois quando ela ficou doente mesmo, que ela não... eu via assim, que ela não ia mais voltar, a última vez que ela foi internada ela disse

para mim que não ia mais voltar ela disse: “não, agora eu não vou voltar mais, eu vou ir, mas eu não vou voltar, dessa vez eu não volto”. E aí tá né... Eu falei pra minhas irmãs, mas as minhas irmãs era muito assim né, muito agarrada a ela e eu também sou, mas eu já entendia que o tempo dela já tava terminando, entendesse? Só que as minhas irmãs não aceitavam aquilo ali. Aí o médico disse para nós assim, que ela teve um problema sério na vesícula, né? No pâncreas. E o médico disse: “pela idade que ela tá, não tem mais o que fazer”, os órgãos dela já estavam cansados, “a gente não pode fazer” e a minha irmã queria que fizesse uma cirurgia, que essa que trabalha no hospital, a Iara, que agora ela, também não trabalha mais, que ela se aposentou. E a Iara: “não, mas a gente vai fazer”, mas médico dizia assim: “não, não dá mais, porque ela já tá velha demais não vai adiantar. Nós vamos abrir ela e não vai, dar não vai adiantar, não vai conseguir, né, já tá velha, né, ela já ta...” Com 103 anos né, imagina, uma pessoa não tem mais o que fazer, só um milagre para ela sobreviver, mas para quê? Porque ela já pensava assim também “ah, minhas irmãs já não tão mais aqui comigo”, ela foi a última que ficou, então aquela coisa que ela tinha né? Pro final, ela já tava meio que... Se sentindo um pouco só, porque ela já não tinha mais as irmãs que ela gostava muito das irmãs, que tava sempre... se encontravam... Que até hoje a gente fala, quando a gente vê as nossas sobrinhas, uma do lado da outra, porque as crianças nossas, elas também são assim né? quando vê uma abraçada na outra uma, ou uma saindo com a outra, a gente já fala: “ó, lá vai a Tataia e a Serafina”, porque elas andavam sempre juntas, entendeu? A mãe... A tia Tataia vinha aqui, mãe levava ela até lá, a tia Tataia ia lá... sabe? Tavam sempre assim ó... Eram muito amigas. Quando vinha a tia Santa de Pelotas era uma festa, né? A tia Eugênia também, sabe? Era muito... Eram irmãs muito amigas, muito amigas e com os irmãos também, com os homens né. Então quando ela ficou doente assim, ela já percebeu assim, ó, “eu não tenho mais as minhas amigas aqui”, né... então parecia que já... já tava momento dela ir mesmo. Ela não... Já tinha feito toda missão, já tinha cumprido tudo que tinha que cumprir né? E aí ela já tava... No tempo dela né, e ela já sabia que não ia voltar mais né, ela ia ir e não ia voltar mais. E aí quando ela faleceu assim, ela tava no plantão né, que ela teve uma crise e levaram ela pro plantão né, e quando eu cheguei lá no plantão, a Dadá tava lá com ela né, aí a Dadá disse: “não, eu vou... eu vou em casa”, porque a Dadá tinha que fazer não sei o que lá que era perto do meio-dia, não me lembro o que foi, ela disse: “não, vou lá em casa, eu vou voltar” e aí quando a Dadá saiu, ficou só eu e ela no... na cama assim, no quarto, né? E aí ela disse assim... Eu disse pra ela: “não mãe, eu vou te trocar”, por que ela tava usando fralda já né? Aí ela, troquei ela assim, a roupa, tirei aquela fralda dela e coisa, e ela foi ficando bem sereninha

assim, bem calminha, bem calminha e morreu ali, apagou assim, mas eu já sabia que ela ia morrer, sabia, eu já tinha certeza assim ó. Aí me chamaram no colégio, eu digo: “gurias, eu vou ir...” porque eu trabalhava de manhã naquela época, “eu vou aí mas eu não vou voltar mais, vocês não me esperem, porque eu tenho certeza que hoje a mãe vai ir”. Foi numa terça-feira, isso eu me lembro, foi numa terça-feira que ela faleceu. E aí a Dadá, quando saiu do quarto... Assim, deu tempo da Dadá, acho que nem chegou em casa e aí chamaram ela, né? E aí a Dadá: “ah mas porque? Eu não tinha que ta aqui?”, eu digo: “não Dadá, ela não queria que tivesse junto com ela, ela queria que tu tivesse saído, tanto é que tu saiu, quando voltou, ela já não tava mais”. Porque ela não queria que a Dadá tivesse ali, ela pensou assim, eu acho, na espiritualidade dela, ela achou assim, que eu tava mais preparada pra... pra... pra ver aquela passagem dela do que a minha outra irmã que não... Não tava preparada pra aquilo. Tanto é que eu fiquei... sabe? Não... Eu não tive aquela reação de desespero, nem de nada, parecia que eu já tava preparada mesmo pra ali, pra ela... Pra passagem dela. E até hoje assim, ó, eu não tenho aquela coisa assim de que... de que ela tá morta, de que... não, eu não tenho isso, aquele sentimento de perda, de dor, eu nunca senti isso. Eu sempre sinto ela muito presente, né? Principalmente aqui nas orações, sinto muito presente ela, dentro da minha casa, às vezes eu sinto muito presente ela também. Porque, eu tenho fotos dela assim, então eu sinto ela, a presença dela muito perto de mim, às vezes. Só que a minha irmã mesmo, a Iara, ela não, ela não consegue se conformar com a ideia de que a mãe não ta mais aqui, né? A mãe não existe mais, então... fisicamente né, isso que ela é espírita, mas ela não... não aceitou assim a passagem da mãe, ela não aceitou. E eu digo assim, que... Eu acho que já tava no tempo mesmo, né? Porque... Claro, ela caminhava, ela fazia as coisas, mas para que ficar né? E: Ela já tava... no final ela já não conseguia mais fazer as coisas dela ou ainda tava...?

N: Não ela, não... Ela até... se deixasse, ela fazia, mas ela... Já tava fraca assim, ela já não tinha mais a mesma... não era mais aquela pessoa ativa que... Não, não tinha mais aquela lucidez para fazer as coisas. Ela conversava contigo, ela falava tudo, mas ela não tinha mais a mesma disposição, vamos dizer assim, pra fazer as coisas que ela tinha que fazer. Ela foi se apagando, se apagando devagarinho assim. Parando, parando né, de fazer muitas coisas. Já não enxergava muito bem né, a gente tinha uma preocupação assim porque ela tinha um fogão a lenha, que ela tava sempre ali, naquele fogão e às vezes ela ficava “tentiando” assim né, encima do fogão, porque ela já não tava enxergando e ela não usava óculos né. Então ela tem que fazer assim pra... Então a gente tinha aquela coisa assim “ah, uma hora ela vai se queimar”, mas ela não se queimou nunca, graças a Deus. E... e já tava assim, eu acho que

ela... Foi uma pessoa me fez uma coisa... Acho que a missão da minha mãe foi muito bonita assim, muito bonita. Foi uma pessoa pura, ela não tinha maldade, ela não tinha ambição, ela foi toda a vida pobre, morava numa casinha bem humilde, mas sempre abrigava todo mundo, todo mundo, não importa se tu era preta, branca... Não importa! Ela não se importava com a tua vida pessoal, o que tu fez, o que tu deixou de fazer. Se tu chegasse lá na minha casa, da minha mãe, e tu não tivesse onde dormir, se tu não tivesse o que comer, ela ia te acolher, né? Ela ia te acolher. Às vezes, as pessoas: “Ta, mas a gente nem sabe quem é”, “tá, mas deixa ela ficar aqui, o que é que tem?”, ela não tinha essa maldade de não deixar as pessoas entrar na casa dela, de não deixar as pessoas chegar perto dela, não. Ela era muito assim, com todo mundo, todo mundo mesmo.

Então isso é uma coisa que nós, eu acho, que eu herdei da minha mãe, e os meus irmãos também herdaram isso dela, a humildade assim, de não fazer diferença entre as pessoas, de não excluir as pessoas, isso a mãe passou para nós né? Podia tu ta ali, caída no chão, ela ia lá, te levantava, te acolhia e te levava para casa dela. Mesmo que não tivesse espaço, mas ela te levava (risos). Porque a gente sempre morou em pequenas casas, a gente nunca teve um casarão assim, não, as casas eram sempre pequenininhas né. Mas ela sempre... Sempre assim. E comida também, sempre um prato de comida ela tinha pra oferecer pra alguém, sempre, sempre.

Eu acho que... eu ganhei a melhor mãe do mundo assim, que Deus me deu uma mãe maravilhosa, muito muito boa, muito boa... Não podia ter tido uma mãe melhor assim, toda minha vida... Foi a melhor mãe né. Ela era muito boa, boa mesmo.

## Anexos

### A- A Saga de Serafina

(Sidney Bretanha)

#### I

Senzala, chibata e grilhão eram lembranças recentes  
Até já havia abolição, mas liberdade nem tanto  
Num setembro em ventania, na pobreza do ambiente  
Transformou ventre em sangria, o rebento com seu pranto  
Veio assim como quem chora pra acordar a noite escura  
Aos pés da Nossa Senhora, veio assim para esse mundo  
Em meio aos trapos do leito – à sombra da escravatura  
A mãe preta trouxe ao peito aquele corpo miúdo  
Tendo a noite por madrinha... (sob a luz da lamparina)  
Batizaram a negrinha: - Vai se chamar Oscarina!

#### II

E a guria virou moça numa sofrida doutrina  
Talvez por ter tanta força ou pelo jeito angelical...  
Ganhou logo um codinome, virou negra Serafina  
Preconceito, dor e fome visitaram seu quintal  
Mas não se rendeu à canga e honrou o compromisso  
Ajoelhada na sanga – tradição das lavadeiras  
Alimentou a família sem repunar o serviço  
Percorrendo dura trilha, aprofundando as olheiras  
Pois nem bem cantava o galo já começava a faxina  
Com a mão cheia de calos...  
Incansável Serafina!

#### III

*- Não tem o que ela não faça! - Só quem já viu acredita!*  
*- Lava, torce, arruma e passa, sob geada ou sol quente!*  
(Suor vertendo na testa encharca o lenço de chita)  
Fez da existência modesta exemplo pra toda gente

E educou cada negrinho quando a comida era escassa  
Indicando o bom caminho num cotidiano tão duro  
Requentando almoço e janta, sovando e fritando massa  
Parecia até uma santa, um colo, um porto seguro  
Com trabalho e atitude, na vassoura e na capina A raiz da negritude...  
Eis a negra Serafina!

#### IV

Ninguém segura a folia se a onça solta o rugido  
Nota dez na bateria, a arquibancada se embala  
Linda passista transpira num rebolado atrevido  
A porta-bandeira gira, baila alegre o mestre-sala  
Até o rei momo é seu filho (é a grande dona da festa)  
Tantas cores, tanto brilho... Surdo, repique e tamborim  
Com mulatas seminuas e aprendizes da seresta  
Vermelho e branco nas ruas num carnaval que não tem fim  
E o batuque envolvente na Monteiro predomina...  
*- Abra alas minha gente! - É o bloco da Serafina!*

#### V

Como grande benzedeira também foi reconhecida  
Benzeu a cidade inteira e jamais negou ajuda  
Fastio, cobreiro, olho grosso, até espinhela caída  
Correntinha no pescoço, velas, imagens e arruda  
Afastando o mau olhado com a fé que tudo cura  
Insônia e peito agitado, também mau jeito e andaço  
Ela sempre resolvia com alguma benzedura  
Oração e simpatia (ou apenas um abraço)  
E despedindo-se dos seus (ou de alguém que fosse embora)  
Sempre dizia: *- Vai com Deus e com a Nossa Senhora!*

#### VI

Fina flor da resistência do negro que apanhou tanto

Crioula de humilde essência, a voz da sabedoria  
Nas suas rezas, precisão pra quebrar todo quebranto  
E no infinito coração mais alguém sempre cabia  
Mulher de alma campeira, forjada pelas agruras  
Pia, fogão e chaleira... Olhar úmido e vermelho...  
Pra quem carregava angústia e sofria de amarguras  
Sempre uma palavra justa, sempre havia um bom conselho  
Não dá pra viver sozinho – sua história nos ensina  
*- Desistir nunca é o caminho! – Já dizia Serafina*

## VII

O tempo avança, tão cruel, impondo sua lei com rigor  
Faltava uma estrela no céu e a preta estava em prontidão  
Ao percorrer mil estradas, provando a importância do amor  
Percebe as vistas cansadas e nos passos a lentidão  
Entre sonhos e saudade – soro, ampola e comprimido  
Exibe a fragilidade de quem parecia imortal  
Com seu jeito de criança (que jamais será esquecido)  
Fecha os olhos e descansa no frio leito do hospital  
Uma lenda, uma marca, a centenária menina  
Lá se foi a matriarca... Adeus negra Serafina!